

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Data	1/1
Cod.	XV.D.00226

RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA "MARÁIWATSÉDE"

Portaria nº 9, de 20.01.92

I N D I C E

1. INTRODUÇÃO
 - a. "Marãiwatséde"
2. DADOS HISTÓRICOS E DE LOCALIZAÇÃO GERAL DOS XAVANTE (Iara Ferraz)
3. A CAMPANHA NORTE/SUL E A AGIP PETROLI (Mariano Mampieri)
4. A HISTÓRIA CONTADA E DOCUMENTADA PELA SOCIEDADE ENVOLVENTE
 - a. os primeiros anos da SUIÁ-MISSÓ (Iara Ferraz)
 - b. o SPI
 - c. a população regional
5. A HISTÓRIA CONTADA E VIVIDA PELOS PRÓPRIOS XAVANTE
6. A IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA
 - a. introdução
 - b. a pesquisa de campo
 - c. critérios adotados para a definição dos limites
7. SITUAÇÃO ATUAL
 - a. relações entre índios e não-índios
 - b. ameaças à terra indígena
8. CONCLUSÃO

RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA MARÁIWATSÉDE

1 - INTRODUÇÃO

O presente relatório é fruto dos trabalhos de campo e pesquisa bibliográfica realizados pelos membros do grupo técnico instituído pela FUNAI, através da Portaria nº 009, de 20.01.92, com a finalidade de identificar a Área Indígena até então chamada SUIÁ-MISSÚ, situada no Estado do Mato Grosso. Os trabalhos de campo tiveram início no dia 10.02 e terminaram em 24.02.92, incluindo-se os dias de deslocamento da equipe e dos 15 (quinze) índios Xavante que acompanharam o grupo.

Além dos técnicos da FUNAI, a equipe contou com a participação da antropóloga Iara Ferraz, do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), que já vinha mantendo contato com a questão há algum tempo, principalmente após ter participado da pesquisa que resultou na elaboração do documento "Brasil - Responsabilidades italianas na Amazônia", patrocinada pelo Observatório de Impacto Ambiental (OIA) da Campanha Norte/Sul, entidade não governamental italiana com a qual o CTI colabora.

Na condição de colaborador do grupo de trabalho, Mariano Mampieri, agrônomo, representante da Campanha Norte/Sul, também participou dos trabalhos de identificação da área.

BBB

A confecção do relatório que se segue contou com a importante participação de Iara Ferraz e Mariano Mampieri. Este último relatou o histórico das relações entre a Campanha Norte/Sul e a AGIP Petroli, empresa-mãe da AGIP do Brasil, a atual proprietária da fazenda SUIÁ-MISSÚ, de onde os Xavante foram transferidos para a Missão Salesiana São Marcos em 1966.

O momento atual das relações entre os Xavante e os "proprietários" da fazenda SUIÁ-MISSÚ, passados 25 anos da transferência dos índios, não pode ser entendido sem se levar em consideração a atuação da "Campagna Nord/Sud", entidade que vem intermediando as discussões com a AGIP Petroli, no sentido de garantir a devolução do território aos Xavante e o retorno seguro dos índios à área.

A. "Marãiwatséde"

Após a pesquisa de campo, constatou-se que o nome adequado da área indígena é MARãIWATSÉDE, palavra Xavante tradicionalmente usada para designar a região em questão. MARãIWATSÉDE é o nome do "mato geral, do lugar, a mata", ou seja, nas palavras do Cacique Damião PARADZANÉ, "MARãIWATSÉDE é a mata dessa região, tudo, nome geral". Literalmente, segundo a Prof. Aracy Lopes da Silva (1986), quer dizer "mato bonito".

Além desse nome, existem outros delimitando a região tradicional de cada grupo Xavante. A região onde hoje existe a

[Handwritten mark]

Área Indígena Pimentel Barbosa, por exemplo, é chamada por eles de WEDEJE. Os Xavante de WEDEJE são um grupo. Os Xavante de MARÄIWATSÉDE, outro.

SUIÁ-MISSÚ é o nome de um grande afluente do rio Xingú que nasce na Serra do Roncador, e que emprestou seu nome, tempos depois, para a fazenda que iria se instalar, no começo de década de 60, em MARÄIWATSÉDE. A chegada da fazenda, na época de propriedade de Ariosto da Riva, tornou-se o auge do processo de invasão do território indígena pelas frentes de expansão nacional, culminando com a transferência dos índios para a Missão São Marcos, com o apoio do SPI e da FAB, em 1966, a mais de 400 km de distância do antigo "habitat" Xavante.

Desde então, os índios sempre reivindicaram o retorno à sua região, empreendendo viagens anuais, do conhecimento de todos os moradores locais, para visitar as aldeias e cemitérios antigos, além de recolher materiais nativos que não são encontrados na aldeia onde vivem atualmente, Água Branca, na Área Indígena Pimentel Barbosa, terra "emprestada pelos parentes".

MARÄIWATSÉDE é a vasta região compreendida entre os vales do rio Araguaia, a leste, e do rio Xingú, a oeste. Ao norte, é delimitada pelo rio Tapirapé, afluente do Araguaia. A divisa natural entre os dois grandes rios é a Serra do Roncador, há não muito tempo atrás considerada indevassável, um grande obstáculo para as frentes de expansão. Coberta de matas que integram o ecossistema amazônico, a Serra do Roncador faz parte do território tradicional Xavante, por ser área rica em caça, peixes, frutos e material de coleta. Essa riqueza pode ser observada, inclusive, até os dias de hoje, mesmo após as contínuas agressões ambientais que vem sofrendo

[Handwritten mark]

com a implantação, principalmente, de grandes projetos agropecuários.

Como será explicado em maiores detalhes nos próximos capítulos, a região entre o Araguaia e o Xingú não é totalmente coberta de matas. O rio Araguaia, com suas enchentes anuais, inunda grande parte do território situado às suas margens e às margens de seus afluentes. Essa área de planície inundável é conhecida como "varjão", somente acessível a carros, por exemplo, nos meses de julho a outubro.

Terminada a área de varjão, começa o cerrado típico da região centro-oeste brasileira. Essa divisão da cobertura vegetal é a mesma tanto no lado leste do rio Araguaia, ou seja, os Estados de Tocantins e Goiás, como no lado oeste, o Estado do Mato Grosso. Nessa área de cerrado é que os Xavante fundam, tradicionalmente, as suas aldeias. Protegido das inundações, o cerrado tem a sua fauna e flora típica, também rica em produtos naturais amplamente conhecidos e utilizados pelos índios.

O cerrado é, então, a faixa de vegetação que separa o varjão inundável das matas da Serra do Roncador, que se iniciam abruptamente, sendo nítida a transição da vegetação de cerrado para a região de matas.

As aldeias Xavante sempre estiveram situadas exatamente na faixa de cerrado, tendo o varjão à direita e as matas à esquerda. Isso não quer dizer que os índios não penetrassem nessas outras áreas, muito pelo contrário, tanto as matas como a região de varjão são profundamente conhecidas e usadas pelos Xavante, como pudemos verificar "in loco" e como indica a literatura etnográfica. MARÄIWATSÉDE engloba todos esses tipos diferentes de vegetação.

21/10

2. DADOS HISTÓRICOS E DE LOCALIZAÇÃO GERAL DOS XAVANTE (Iara Ferraz)

De acordo com David Maybury-Lewis (1984:39 ss), sabe-se que até início do século XIX os Xavante viviam no norte de Goiás, entre o Tocantins e o Araguaia. Esta região, assim como a maior parte do planalto central, era ocupada por tribos da família linguística Jê, as quais, provavelmente, já se encontravam ali antes das grandes migrações dos Tupi. Destes grupos, os Xavante e os Xerente eram muito próximos senão o mesmo povo e o termo Xavante era aplicado indiscriminadamente a vários grupos do cerrado (Almeida, 1869; Siqueira, 1872, apud Maybury-Lewis, op. cit), mas finalmente ficou restrito a 3 grupos : os Oti-Xavante (oeste de São Paulo), os Ofaié-Xavante (extremo sul do Mato Grosso do Sul) e os Akwen-Xavante (a oeste do rio das Mortes). No entanto, são grupos distintos tanto linguística como culturalmente.

Ao que tudo indica, a separação definitiva entre os dois ramos dos Akwe ocorreu na década de 1840, quando lutavam contra os colonos que entraram em Goiás para ocupar terras ao longo do Tocantins. É provável que os Xerente atuais tenham sido empurrados para leste, enquanto que os Xavante foram igualmente pressionados para oeste (o que levaria a crer que a separação entre Xerente e Xavante pode ter-se dado por esta época - cf. Maybury-Lewis, 1966, apud op.cit.).

Assim os Xavante mudaram-se para sudoeste para evitar os colonos e embrenharam-se no leste mato-grossense. Os

viajantes afirmam que os Xavante estavam situados a oeste de Aruanã, de acordo com um relato de 1869 (Couto de Magalhães, 1938:99 cf. Maybury-Lewis, idem). Durante as três últimas décadas do século XIX permaneceram relativamente isolados dos brancos na região do rio das Mortes, onde atacavam quaisquer intrusos (cf. Ehrenreich, 1891:118 apud Maybury-Lewis, idem). Travavam guerras com os Karajá (e Tapirapé), confrontantes de seu território a leste (no Araguaia) e, mais tarde, com os Bororo, ao sul (que, por sua vez, se refugiavam junto às missões salesianas). De acordo com a etnohistória Xavante, mantinham relações amistosas e de aliança com grupos do rio Xingú, particularmente os Kalapalo, situados a oeste.

Por volta da década de 30 tinham criado sua reputação de ferozes e selvagens, ocupando manchetes de jornais e revistas a nível nacional. Enquanto na região organizavam-se expedições punitivas contra os Xavante, as primeiras tentativas de estabelecer contato pacífico foram feitas por salesianos, tendo o padre Chavelon construído uma cabana à margem direita do rio das Mortes, lugar a que chamou São Domingos. Mas os Xavante deram a entender o seu desejo de serem deixados em paz.

Em 1941, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) enviou sua própria expedição, liderada pelo Dr. Pimentel Barbosa, para estabelecer contato amistoso com os Xavante. Cruzaram o rio das Mortes e entraram na Serra do Roncador, "onde encontraram com um grupo Xavante que os recebeu com um cuidado excessivo (...) No dia seguinte, os índios atacaram e mataram todo o grupo" (cf. Maybury-Lewis, op.cit:42). Em 1946, os agentes do SPI conseguiram finalmente persuadir um grupo Xavante a trocar presentes e cinco anos mais tarde (1951) os Xavante começaram a visitar o Posto (chamado Pimentel

~~OUT~~

Barbosa) em São Domingos.

Ao final da década de 50, encontravam-se situados em intervalos ao longo de todo o rio das Mortes. Apenas os grupos ao norte de Xavantina (baixo rio das Mortes) exerciam algum controle sobre as faixas de terra tanto a leste quanto a oeste do rio. Já no início dos anos 60, de acordo com o Prof. Maybury-Lewis (op.cit:44), entre Xavantina e Areões as margens do rio estavam pontilhadas por pequenas fazendas. Rio abaixo havia poucos colonos e a terra havia sido comprada por grupos econômicos do sul do país. Através dos incentivos fiscais da SUDAM (criada em 1966) foram se estabelecendo projetos para criação extensiva de gado (ver adiante).

Os Xavante Ocidentais, situados entre Xavantina e as cabeceiras do Xingú, vastas terras devolutas do leste de Mato Grosso, foram sendo cercados e acossados pelos colonos a tal ponto que foram forçados a pedir proteção junto às missões salesianas. A situação dos Xavante Orientais (no baixo rio das Mortes) era ainda mais precária, pois o posto do SPI ali instalado (Pimentel Barbosa) não tinha condições de prestar assistência a grupos que ainda se encontravam praticamente isolados (O'TÔ, MARÄIWATSEDE e outras aldeias). Desde meados da década de 50, o então encarregado do SPI (Sr. Ismael Leitão - ver depoimento em anexo) reiterava a necessidade de instalar um posto de atração e assistência àqueles Xavante nas proximidades de São Félix do Araguaia.

Assim, de acordo com Maybury-Lewis (op.cit:61 ss), entre 1945 e 1950 havia, aparentemente, uma divergência entre os Xavante quanto à conveniência ou não de estabelecerem relações amistosas com os brancos (WARADZU, os outros). Até meados da década de

[Handwritten mark]

50 a cidade de Xavantina esteve exposta aos ataques dos Xavante e a Fundação Brasil Central, apesar da rivalidade e antagonismos que então existiam em relação ao SPI, passou a aquele órgão a responsabilidade de tomar providências quanto aos grupos situados ao norte de Xavantina (Roncador, em direção a São Félix). Assim, foram criados dois outros postos para afatar os Xavante de Xavantina, aplicando técnicas para persuadi-los a abandonar o nomadismo e dedicaram-se à agricultura (e, conseqüentemente, à sedentarização).

O padrão semi-nômade de exploração da área circundante vem sendo alterado aproximadamente desde os anos 60, com o estabelecimento de fazendas recortando todo o território tradicional Xavante.

Apesar dos insistentes apelos do servidor do SPI na área de São Domingos, até o início da década de 60 ainda não se tinha contato permanente com os Xavante de MARÁIWATSÉDE. O Prof. Maybury-Lewis relata (idem:74) que tentou visitá-los em 1958, mas acabou desistindo devido às dificuldades de acesso e de guias que o levassem até lá (e talvez também devido ao fato de não serem então amistosas as relações entre os Xavante de São Domingos e aqueles, aos quais ele se referia como "refugiados" de MARÁIWATSÉDE).

Se no início dos anos 40 os Xavante eram notícia na imprensa nacional como "selvagens que flechavam aviões que ousavam sobrevoar suas aldeias nos confins da até então inexplorada Serra do Roncador", como chamou a atenção a Prof. Aracy Lopes da Silva (1986:29 ss), a partir da década de 70 eles retornam às manchetes "com armas mais eficientes na defesa de seus interesses e no combate às invasões de seus territórios". As notícias mostravam o processo de demarcação das reservas Xavante, sua disputa sobretudo com fazendeiros

est

que haviam negociado títulos de propriedade com o governo do Estado de Mato Grosso (cf. Jornal de Brasília, 17.8.73; O Globo, 18.8.73).

Os Xavante somam hoje cerca de 6.500 pessoas, distribuídas em 50 aldeias (dados FUNAI, ADR Cuiabá, março de 1992) localizadas em sete reservas. (Observe-se o crescimento populacional havido: em 1974, de acordo com o Prof. Maybyry-Lewis, eram 2.500; em 1982, era registrada a estimativa de 5.000 Xavante). Se, como salientou a Prof. Lopes da Silva (op. cit:31) "por um lado, é possível falar-se genericamente da situação atual dos grupos Xavante, por outro é imprescindível lembrar que cada um deles tem passado por experiências históricas, até certo ponto, diversas (...) e as variações entre elas tornam-se muito significativas. As semelhanças profundas se explicam pelo fato de que cada um dos grupos representa um mesmo sistema social - Xavante - reagindo a uma situação de mudança decorrente do contato com a sociedade nacional; as variações indicam o modo particular pelo qual cada um destes conjuntos de comunidades viveu e vive este contato".

out

3. A CAMPANHA NORTE/SUL E A AGIP PETROLI (Mariano Mampieri)

Em abril de 1990, o Observatório de Impacto Ambiental (OIA) da Campanha Norte/Sul, Biosfera, Sobrevivência dos Povos, Dívida Externa, apresentou os resultados de uma pesquisa realizada em um ano, chamada : BRASIL - RESPONSABILIDADES ITALIANAS NA AMAZÔNIA. Entre outros assuntos, foram levantadas algumas grandes propriedades de terra de empresas italianas na Amazônia e, entre estas, foi estudado o caso da SUIÁ-MISSÓ.

Posteriormente à apresentação, foram feitos contatos com a AGIP Petroli (empresa pública italiana, sétima companhia mundial no setor petrolífero) que, através da AGIP do Brasil S.A. (ex-LIQUIGÁS S.A.), é a atual proprietária da "Liquifarm Agropecuária SUIÁ-MISSÓ S.A.".

A intenção da Campanha Norte/Sul (CNS) era verificar as decisões e o encaminhamento da empresa em relação à fazenda, antes de proceder a uma denúncia à opinião pública sobre os seus investimentos na região amazônica.

Ao mesmo tempo, junto com alguns parlamentares adeptos da CNS, foi verificada a possibilidade, através do Parlamento Italiano, de sustar a venda - julgada grave - de cerca de 250.000 ha de reserva florestal da própria fazenda, mas que era patrimônio direto da "Liquipar" (outra sociedade do grupo), efetuada ao final de 1989 ao grupo brasileiro Garavello. A resposta foi negativa, uma vez que este tipo de operação comercial não está contemplado nos casos de

EM

intervenção do Parlamento sobre empresas com participação estatal.

Neste contexto, foi apresentada uma moção parlamentar votada por unanimidade pelo Parlamento Italiano no momento da ratificação do acordo bilateral Itália-Brasil, no sentido de que o governo italiano se empenhasse principalmente na defesa dos direitos das populações indígenas e na proteção do ecossistema amazônico, através também da utilização dos recursos destinados ao próprio acordo.

A AGIP, na Itália, respondeu positivamente à solicitação da CNS e um primeiro encontro formal foi realizado em julho de 1990, através de uma delegação da CNS, composta pelos Srs. Enzo Melegari (Movimento Laico América Latina - MLAL), Christoph Baker (Coordenador da CNS), Mariano Mampieri (Coordenador do OIA) e pelo responsável pelas relações externas e coordenação de imagem da empresa, Dr. B. Constantini, acompanhado de seu colaborador, Dr. Alessandro Castiglia. Nesta ocasião, Dr. Constantini assegurou que obteria todas as informações internas necessárias para uma verificação das informações contidas na pesquisa e que havia, de parte da empresa, uma boa disponibilidade ao diálogo. Após este primeiro encontro, foram realizadas várias outras conversas informais, que permitiram, após a AGIP haver reconhecido a veracidade da pesquisa, abrir as portas para uma visita à fazenda de alguns representantes da CNS.

A visita ocorreu em janeiro de 1991 da qual fizeram parte S. Exa. Paolo Tarony, Embaixador da Itália no Brasil, Dr. Renato Grillo, Presidente da AGIP do Brasil, Dr. Alessandro Castiglia, representante da AGIP Petroli, Sra. Carla Zinoni della Longa, repórter da agência GRTV, Sra. Iara Ferraz, do Centro de Trabalho Indigenista, e o Sr. Mariano Mampieri da CNS. Foram

ATP

acompanhados na visita pelo Sr. Franco de Beni, administrador da fazenda. Esta visita permitiu à CNS obter todos os elementos necessários à formulação de uma proposta de reconversão social e ecológica da própria fazenda.

A proposta foi explicada à AGIP um primeira vez durante um encontro havido em Roma em maio de 1991, no qual estavam presentes o Dr. Constantini, Dr. Catiglia e Dr. Esposito, pela AGIP, e a Sra. Renata Ingraó (Lega Ambiente), Sr. Melegari e Sr. Mampieri pela CNS, tendo sido enviada por escrito em seguida.

A empresa, em resposta à proposta da CNS, comunicou a disponibilidade em participar de um encontro com as autoridades brasileiras e a CNS, para resolver eventuais problemas de natureza legal.

Em outubro de 1991, foi realizada a reunião solicitada pela AGIP, na qual tomaram parte Dr. Sydney Ferreira Possuelo, Presidente da FUNAI, Maria Auxiliadora Cruz de Sá Leão e Mario Juruna, assessores da Presidência da FUNAI; Damião PARIDZANÉ, Cacique, Rufino RUÁWÉ, vice-cacique, e AIRÉRO'ORE, Xavante da aldeia de Água Branca; Iara Ferraz e Gilberto Azanha, do Centro de Trabalho Indigenista; Biaggio Constantini e Alessandro Castiglia, da AGIP Petróli; Renato Grillo e Franco de Beni, da AGIP do Brasil; e Mariano Mampieri, da CNS (a documentação relativa à reunião já está em posse da FUNAI).

No decorrer da reunião, os representantes Xavante expuseram as razões do seu pedido, enfatizando a determinação de toda a aldeia de Água Branca de retornar ao seu território tradicional.

O Presidente da FUNAI informou que daria

Handwritten mark

prosseguimento aos termos estabelecidos na legislação brasileira, instituindo um grupo de trabalho que realizaria o levantamento do caso, mediante o pedido dos Xavante de reconhecimento e delimitação de seu território tradicional.

Os representantes da AGIP, naquela ocasião, reiteraram a estranheza da empresa diante da questão indígena da área, mas declararam também que não se oporiam ao trabalho da FUNAI e, se caso a sua propriedade viesse a ser expropriada, viriam a resolver a questão sob o plano jurídico. Declararam ainda a sua intenção de assistir a população Xavante através da oferta de infra-estrutura sanitária, o que foi decididamente recusado pelo chefe Xavante Damião, uma vez que interpretada como um meio para criar confusão e desviar a atenção do problema principal que é aquele da terra.

(...) Para a realização do levantamento em campo, a AGIP forneceu, mediante pedido da FUNAI e da CNS, assistência à alimentação, transporte, imagens de satélite, outros gêneros e hospitalidade na sede da fazenda durante todo o período de permanência do grupo na região.

Observe-se que durante quase dois anos de discussões com a AGIP Petroli, foi possível registrar duas diferentes posições da empresa. Enquanto na Itália, sede principal das discussões entre a CNS e a AGIP, manifestava-se uma grande disponibilidade ao diálogo e à colaboração, o que ocorria na AGIP do Brasil era, pelo menos, contraditório. De fato, em diversas ocasiões, pôde-se verificar uma atitude da empresa brasileira tendente à criação de obstáculos na discussão em curso, usando métodos nos limites da correção.

Ainda que compreensível a vontade da empresa de

[Handwritten mark]

defender os próprios interesses, não podem porém ser aceitos métodos como o uso da própria influência econômica sobre altas esferas governamentais ou através de organismos influentes nas diversas áreas indígenas Xavante, para exercer pressões que resvalam a ameaças. As instituições brasileiras estão operando no âmbito da lei, respaldadas por uma legítima reivindicação Xavante, feita de acordo com as normas e sustentadas também por ONGs reconhecidas. Não se reivindica mais além da aplicação de um direito garantido pela própria Constituição e de fato vão ser os órgãos governamentais que virão a garantir a sua efetivação.

Portanto, nesta fase, pede-se à AGIP que respeite as regras de correção estabelecidas consensualmente no início da questão, tomando decisões autônomas que favoreçam a sua conclusão positiva.

[Handwritten mark]

4. A HISTÓRIA CONTADA E DOCUMENTADA PELA SOCIEDADE ENVOLVENTE

A. Os primeiros anos da SUIÁ-MISSÓ (Iara Ferraz)

Na década de 60, a construção da rodovia Belém-Brasília acelerou a onda de migração interna, deslocando as frentes de expansão para o oeste e para a Amazônia. "Em grande parte, a ação dessas diferentes frentes esteve na dependência exclusiva de mecanismos de mercado até o advento da ditadura militar, em 1964, e da política de incentivos fiscais para a ocupação da Amazônia, a partir de 1966. A política de incentivos fiscais consistiu basicamente em conceder isenção de 50% no imposto de renda das grandes empresas estabelecidas em outras regiões, particularmente no sul-sudeste do país, desde que tais recursos fossem investidos na região amazônica, na proporção de 75% de capital subsidiado das novas empresas e 25% de capital próprio. A partir desse momento, o ritmo e a forma de ocupação da região pelo grande capital alteraram-se radicalmente. Antes, de modo geral, era possível observar uma progressiva invasão das terras indígenas por pequenos agricultores expulsos pelo avanço das grandes fazendas. (...) Com os incentivos fiscais, a grande empresa passou a expulsar ao mesmo tempo camponeses e índios ou a jogar uns contra os outros, como forma de se livrar dos dois. Do mesmo modo, terras que estavam fora do circuito do capital e que, portanto, praticamente não tinham preço, puderam ser obtidas com poucos recursos, o que permitiu

a aquisição de imensas glebas por empresas do sul. Outras vezes, terras públicas ou terras indígenas foram transformadas em terras particulares mediante a falsificação de documentos, corrupção de funcionários governamentais ou simples expulsão violenta dos ocupantes da terra" (cf. Martins, 1986:19).

Ariosto da Riva foi um dos primeiros "proprietários" das terras da SUIÁ-MISSÓ. "Filho de pobres imigrantes italianos, Da Riva saiu de casa aos 18 anos para ganhar dinheiro e ajudar a criar seus irmãos mais novos. No começo levou uma vida rude e nômade como garimpeiro de pedras semi-preciosas na Bahia, Piauí e Espírito Santo e de diamantes em Minas Gerais. E, ao contrário de muitos, ele aparentemente conseguiu ganhar um bom dinheiro" (cf. Branford, op.cit.:88). Em meados dos anos 50, Da Riva já tinha planos ambiciosos de montar seus próprios projetos de colonização. Procurou uma área onde a terra era ainda muito barata; encontrou-a no Mato Grosso, na região ao norte do Município de Barra do Garças que, segundo ele, era totalmente desabitada, "exceto por uns poucos índos Xavante" (sic). Ele comprou então cerca de 1.8 milhão de hectares de posseiros, todos desejosos de se desfazer de terras praticamente inacessíveis" (cf. Branford, idem:109). Deu-se conta, por volta de 1961, que aquela terra não se prestava para a agricultura sem a utilização intensiva de fertilizantes e que era, portanto, desaconselhável para um projeto de colonização. Como não era criador de gado, Da Riva não estava interessado em instalar ali uma fazenda e nem pensava em se desfazer completamente das terras, pois sabia que estariam muito valorizadas em poucos anos. Sua solução foi associar-se a um outro grupo, experiente em implantar fazendas, que deveria ter o

lute

controle acionista majoritário : 80% passaram para o grupo Ometto, da indústria açucareira em São Paulo. Assim nasceu a "Agropecuária SUIÁ-MISSÓ Limitada", através de instrumento particular de contrato firmado em 20.11.62 e então registrado na Inspeção Comercial do Estado de Mato Grosso.

"Ao contrário de Da Riva, que ainda estava se estabelecendo neste período e que deveria formar a maior parte de seus bens com as transações na Amazônia, a família Ometto já tinha constituído sua fortuna no sul do país. O fundador deste grupo, Antonio Ometto, chegou da Itália com sua família no final do século XIX. Após comprar 12 hectares de terra em Piracicaba, no interior de São Paulo (era tudo o que ele podia então adquirir), Ometto começou a aprender o máximo que podia sobre cultivo de cana-de-açúcar. Em 1979, o grupo Ometto produzia 30% da cana-de-açúcar de São Paulo e 50% do álcool, colocando o grupo entre os maiores produtores mundiais" (cf. Branford, idem :idid).

No final dos anos 50 a família Ometto decidiu estender seus negócios para a criação de gado de corte. Visitaram sistematicamente várias regiões do Brasil com esse propósito até que, finalmente, "mediante sugestão de Da Riva, visitaram o norte de Mato Grosso. Gostaram das terras que viram e concordaram em formar uma sociedade para possuir 484.000 hectares. No decorrer dos anos seguintes foram adquirindo posses vizinhas, até que a fazenda atingiu 786.000 hectares" (cf. Branford, idem:110).

A sociedade com Da Riva foi, no entanto, difícil desde o início. Enquanto desbravador, Da Riva tinha por objetivo um lucro fácil; os Ometto, por sua vez, como fazendeiros, estavam ansiosos em tornar a terra "produtiva". Da Riva finalmente se

200

retirou do empreendimento quando os Ometto decidiram aumentar suas despesas, do modo que toda a onerosa infra-estrutura de uma eficiente e moderna fazenda pudesse ser implantada. Ele aceitou o pagamento de sua parte da fazenda em terras, que então vendeu ao grupo Bordon (frigorífico) como uma fazenda separada. Da Riva esperou uma outra década para finalmente realizar seu sonho e montar seu próprio projeto de colonização, INDECO, situado a noroeste de Mato Grosso, na região de Alta Floresta.

Uma das primeiras medidas tomadas pelos Ometto no início dos anos 60 foi remover os Xaxvante, cuja aldeia com 33 casas estava situada próxima à sede da fazenda. Entre 1962 e 1964, a fazenda começou a ser instalada.

"Ficamos três anos abrindo a mata. Os Xavantes tavam lá ... "bravos"!, sem conhecer "civilizado"! Começamos jogando comida e presentes de um aviãozinho sobre a aldeia deles, todo dia à mesma hora: carne seca, bala, rapadura, roupa, panos vermelhos, coberta de pano vagabundo ... não podíamos dar coisas boas ... tudo isso para distrair a tribo e fazer os índios ficarem fixos no lugar onde jogávamos os presentes. Enquanto isso, o Teles abria uma picada que saía de São Félix ... e fizeram o primeiro acampamento! Logo que os índios perceberam a formação do acampamento, foram se aproximando. Vieram em grupos. Em pouco tempo, os índios haviam feito a sua aldeia em frente ao acampamento dos mateiros. E continuaram recebendo a comida da mão dos civilizados" (entrevista de antigo trabalhador da fazenda, cf. Jornal da Tarde, SP, 21.7.71).

"Aqui era terra Xavante! Naquele tempo (início da implantação da fazenda), eles festejavam! a gente procurava incentivar eles pra "amansar" ... na época eles começaram a vir na sede ... tinha bastante índio! todo final de semana a fazenda mandava matar 4, 5 gado ... e dava pra eles! Eles fazia a maior festa! eles levava muito mais! Na época - que era do Ariosto da Riva - eles davam a maior assistência aos índios, davam de tudo: roupa, botina, açúcar, arroz ... inclusive eles fizeram até um barracão perto e tinha um cozinheiro só pros índios ... era uma saca de arroz por dia que eles comiam! Eram muitos índios! e assim foram dominando eles, para

out

20

ver se incentivava eles a trabalhar ... para eles entenderem ..." (depoimento de um ex-empregado da fazenda SUIÁ-MISSÓ, dezembro de 1989, cf. Dossiê Itália-Brasil, 1990).

Assim, após um período de presentes e tolerância, ocorreram inevitáveis conflitos. Os gerentes da fazenda "queriam livrar-se dos Xavante a qualquer custo, pois a sua presença ali ia se tornando onerosa : a cada dia era um boi que era morto para os índios" (cf. O Estado de São Paulo, 25.4.69).

"Aí foi na época que eles resolveram tirar os índios de lá ... que levaram pro rio das Mortes ... Foi quando tiraram esses índios de avião da FAB ... eu me lembro, eu tava lá : chegava 3, 4 avião da FAB e enchia de índio ... cachorro ... galinha ... papagaio ... tudo que eles tinham! levavam naqueles aviões!" (depoimento in Dossiê Itália-Brasil)

Deste modo, em agosto de 1966, os componentes do grupo de MARÁIWATSÉDE - 263 indivíduos - foram persuadidos a embarcar com todos os seus pertences em aviões da Força Aérea Brasileira e obrigados a se asilarem a 300 km dali, junto à Missão Salesiana São Marcos. Em consequência da superpopulação havida, surgiram graves problemas, sobretudo de abastecimento para o grupo recém-chegado, além de animosidades com os Xavante que já se encontravam junto à missão. E alguns dias após a transferência, uma epidemia de sarampo atingiu o grupo e 83 deles morreram (cf. Davis, 1978).

Posteriormente, os remanescentes deste grupo transferiram-se para a área de Couto Magalhães (hoje Reserva Indígena Parabubure, obtida por decreto em 1979 como resultado de uma longa luta dos Xavante para recuperação da Fazenda Xavantina, que ali havia se instalado com o beneplácito da FUNAI, durante a gestão do Gal.

21

Bandeira de Mello, 1967-72). Em seguida, o grupo foi-se localizar em Areões e, finalmente, em 1985, deslocou-se mais uma vez para o interior da A.I. Pimentel Barbosa, formando uma nova aldeia, Água Branca. Consideram-se, no entanto, "em terra dos outros" e a maior reivindicação de seus componentes é retornar ao território original.

22

B. O SPI

A participação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) na vida dos Xavante de MARÁIWATSÉDE esteve praticamente resumida à atuação do funcionário Ismael da Silva Leitão, que começou a trabalhar no SPI em 1948, no Posto Indígena de Atracção Pimentel Barbosa, instalado no rio das Mortes, no local denominado São Domingos, e cujo nome era uma homenagem a um inspetor do SPI morto pelos Xavante em 1941.

O PIA Pimentel Barbosa estava a considerável distância de São Félix do Araguaia, a cidade mais próxima dos então isolados e temidos Xavante de MARÁIWATSÉDE. Em 1950, Ismael Leitão sugeriu ao Diretor do SPI que fosse criado um posto de atracção próximo a São Félix do Araguaia, para "atender" os índios que então já viviam um processo de hostilidades recíprocas com a população regional. Ismael Leitão relaciona o material necessário para a instalação do novo posto em uma carta dirigida ao Diretor do SPI, datada de 14.6.51 (esse e todos os outros documentos mencionados estão anexos ao relatório).

Em depoimento prestado à antropóloga Iara Ferraz, do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), em 21.8.91, o Sr. Ismael Leitão justifica o pedido de criação do posto de atracção :

"(...) o Sr. Malcher, que era o diretor (do SPI), por intermédio dele que eu pedi para que fizessem um posto avançado, é ... , para atender os índio lá, do, da Suiamissú, MARÁIWATSÉDE, como chama na língua dos Xavante. Os índios, raramente eles apareciam nas imediações da corrutela de São Félix do Araguaia. Então quando eles apareciam ali era um alvoroço tremendo né, -"ah, os índios!" ... (...) Foi 1950".

bat

Nessa época, Ismael Leitão chegou a manter contato com os Xavante através de um intérprete Xerente. Um grupo de cinco deles apareceu nas regiões de São Félix, no lugar chamado Caracol, onde permaneceram cerca de um mês na fazenda de João Irineu, o delegado de polícia de São Félix. João Irineu logo entrou em atrito com os índios, pois pretendia enquadrá-los no sistema de trabalho local:

"(...) ele achava que os índios tinham que trabalhar, ele queria que eles fizessem, moer cana, aquelas coisas. Os índios, os mais velhos não trabalham, quem trabalha é o mais novo. (...) Quer dizer, não conhecia o problema, houve uns atritos entre eles, ele até puxou faca, quis furar a barriga do índio lá, para assustar o índio. (...) Quando eu cheguei, estavam esses índios lá."

Teve então o funcionário do SPI a chance de entrar em contato com os Xavante, através de um intérprete Xerente. Segundo Ismael Leitão, ele acertou com os índios a instalação de um posto do SPI e chegou a ir com eles no lugar onde isso se daria:

"(...) então nós fomos lá no Riozinho, né, que é a região deles ali no Xavantinho, ali mesmo que escolheram. Tá muito bem, "óia, daqui duas luas tô de volta com material, facão, machado, foice pra vocês trabalhar, derrubar, fazer roça, tudo isso".

Contudo, esse posto de atração nunca chegou a ser efetivado. Antes de chegar o material para a instalação do posto, os Xavante revidaram as agressões sofridas nas primeiras tentativas de contato com a população regional, passando a fazer parte do folclore local os "massacres Xavante". Ismael Leitão fala do que aconteceu no período que se sucedeu à promessa de criação do posto, enquanto aguardava vir do Rio de Janeiro o material para instalá-lo:

"(...) Nesse intervalo, eles mataram um tal de Pedro Tapirapé, tinha também lá um fabricação de farinha, né? os índio apareceram lá, quiseram apanhar farinha, ele não quis deixar, puxou a arma para o índio e o índio assustado falou que não fizesse nada não, falando no dialeto dele que o homem não entendia nada, "tôa, sauidi, sauidi" - diz que era amigo. Aí, passado uns dias, eles foram lá, mataram esse Pedro Tapirapé, a mulher dele, a irmã dele e uma criança recém nascida. (...) E deixaram a borduna dos índios Caiapó - vê como eles são inteligentes. (...) Aí todo mundo: "não, isso foi os Caiapó", porque esse Pedro Tapirapé ... acharam que ele tinha tido (...) atrito com os índios (Caiapó). (...) Quando foi o João Irineu mesmo, eu estava lá esperando material do Rio. (...) Chegou lá um senhora, a viúva do João Irineu, chorando, que os índios tinham estado lá, matado o marido, matado o filho, matado não sei quem, aquela coisa. Aí arrumamos a caravana, eu fui com o prefeito - que era o Severiano Mendes. (...) Então tinha lá uma tropa, uma turma de vaqueiro comprando boiada, queriam ir prá acabar, arrasar, matar os índios. Eu falei: "não vai matar ninguém, já tá aqui a autoridade que vai lá, que eu sou o chefe do Serviço lá em São Domingos, no rio das Mortes. (...) Vai o prefeito aqui para acompanhar tudo direito". (...) Aí nós chegamos, fomos lá, tava os ... tava todo arrebitado! o João Irineu com o filho dele, os índios mataram tudo no cacete, tudo de borduna e (...) enxadão. (...) Falei: "agora é tarde, não pode mais nem fazer um posto mais aqui, como é que vai, tem que ser lá dentro". (...) Chegou mais tarde eu fui no Rio, levei as borduna, todo mundo dizia que era os índios (...) Caiapó, porque a borduna era do Caiapó. (...) Então fui no Rio - "e agora, como é que vai ser? tem que fazer um posto, instalar um posto para atender os Xavante"."

Em carta enviada ao Chefe da 8ª Inspetoria Regional, em 13.10.51, Ismael Leitão informava sobre o ataque "Caiapó" ocorrido no dia 24.9.51,

"no local denominado Aricuri, distante de São Félix 3 léguas. A população local e os moradores vizinhos estão apavorados e receosos de novos ataques, pois os índios continuam dando sinal de presença, conforme constatei".

Já em 28.11.51, sabia-se que eram os Xavante e não os Caiapó os índios envolvidos nos conflitos, conforme relatório

do funcionário do SPI. Nesse relatório, rico em detalhes, Ismael Leitão dava notícia de outro ataque Xavante, desta vez ocorrido em 30.10.51, quando então morreram o Sr. João Irineu e um filho.

O funcionário do SPI continuou insistindo na necessidade de criação de um posto exclusivo para os índios de MARÁIWATSÉDE, mas isso acabou nunca ocorrendo. Por falta de verba ou interesse político, mesmo com a tensão advinda dos episódios relatados, o SPI não mandou o material suficiente para a criação do posto.

Em um "relato das atividades realizadas durante os meses de junho a julho de 1954", datado de 4.10.54, Ismael Leitão informava ao Diretor do SPI que, "na área reservada aos índios Xavante, são encontradas ainda as seguintes aldeias : (...) aldeia Maroaced; do cacique Coritxu, próximo a São Félix. Possui esta aldeia 25 malocas e está em perspectiva de atração".

As invasões ao território indígena aumentavam dia a dia. Antes mesmo do Governo do Mato Grosso lotear e vender as terras indígenas na década de 60, um ex-encarregado da Fundação Brasil Central, mais especificamente da base em Xavantina, já procedia, em 1956, à demarcação de terras de "sua propriedade" na margem esquerda do rio das Mortes, na localidade chamada "córrego dos Patos", tradicional território Xavante. Ismael Leitão comunica esse fato ao Diretor do SPI em 13.8.56, avisando que aquelas eram terras de índios Xavante ainda sem contato com o próprio SPI. Solicita ao Diretor que este entre em contato com o Governo de Mato Grosso, a fim de conseguir a sustação dos requerimentos de venda de terra indígena feitos por particulares ao Governo.

[Handwritten mark]

Um novo ofício é encaminhado ao Diretor do SPI em 8.9.56, comunicando a existência de um novo requerimento, feito por um húngaro, solicitando ao Governo do Mato Grosso a venda de "glebas de terras encravadas dentro do território Xavante".

Em 17.6.57, Ismael da Silva Leitão informa ao Diretor que, pela primeira vez, os índios da relativamente distante aldeia de MARÁIWATSÉDE fizeram contato amistoso com o encarregado do Posto Pimentel Barbosa. Insiste novamente na necessidade da criação de um posto para atendê-los :

"Levo ao conhecimento de V. Sa. que estiveram neste Posto trinta e cinco (35) índios pertencentes ao grupo da aldeia de São Félix, denominada Mará-uacéde, os quais nunca tiveram contato com este Serviço, sendo assim a primeira vez, constituindo acontecimento bastante alvicense. Ao ensejo da visita de cordialidade, narraram fatos ocorridos em suas terras, sobretudo invasão das mesmas por parte de aventureiros em busca de pedras preciosas, bem como o trucidamento de dois (2) índios. (...) Quero salientar que não poderemos deixar de assisti-los frequentemente, em face de tratar-se de uma aldeia arredia, criando-se num futuro não longínquo um sub-Posto, dada a distância que o separa desta unidade."

O SPI e o Governo do Mato Grosso não tomaram nenhuma providência para impedir a "apropriação" de terras Xavante. Ismael Leitão escreve novamente ao Diretor do SPI em 18.11.57, solicitando a adoção de "medidas enérgicas e urgentes", pois o estrangeiro de nacionalidade húngara:

"(...) acaba de concretizar as suas aspirações demarcando as glebas de terras para ele interessantes. Seguindo o exemplo do estrangeiro, mais duas famílias, procedentes do Araguaia, deslocaram-se para Barreira da Bacaba, nas proximidades da aldeia de Marú-Ácéde, onde estão instaladas no afã de construir fazendas. (...) Os locais escolhidos pelos invasores para instalação de fazendas ficam situados nos arredores da aldeia acima citada, onde se encontra radicado um grupo arredio de índios Xavante."

200

As invasões continuaram aumentando. Sem assistência do SPI, expostos ao contato indiscriminado com a sociedade nacional, os índios a essa altura já não moravam mais em suas aldeias tradicionais, mas em aldeias construídas nos poucos lugares do cerrado ainda imunes à invasão do "branco". Já havia começado há alguns anos o processo de peregrinação dos índios pelo território, sempre fugindo das frentes de expansão (os detalhes dessas mudanças estão no capítulo referente à história contada pelos próprios índios).

Em relatório a respeito das atividades que deveriam ser desenvolvidas no ano de 1958, enviado à 8ª Inspeção Regional do SPI, datado de abril de 58, o funcionário Ismael Leitão, tratando de "Marú-Ácede", fala da :

"(...) necessidade de instalação de P.I. naquela aldeia, pelo fato de tratar-se de um grupo de índios Xavantes ainda não pacificados. A criação do P.I. (...) seria de muita utilidade (...) em razão das frequentes incursões que os mesmos têm efetuado em busca de contato com elementos civilizados. (...) Tais incursões tem se verificado nos arredores do rio Xavantinho, em regiões habitadas por civilizados. Os contatos realizados são de maneira hostil. (...) A instalação do P.I. pretendido constituiria uma medida de alta significação no sentido de repressão às constantes investidas dos invasores sobre a propriedade territorial indígena."

Em carta enviada ao Diretor do SPI, datada de 14.9.58, Ismael faz referência mais uma vez à necessidade de criação de um posto indígena em MARÁIWATSÉDE, dada a iminência da instalação da fazenda do Sr. Arpad, de nacionalidade húngara, nas imediações do território indígena, o que estaria estimulando a invasão do território pelos "camponeses nacionais".

Em 3.10.59, o encarregado do Posto Indígena Pimentel Barbosa, Ismael Leitão, escreve novamente ao Diretor do SPI

ELP

relatando a difícil situação dos índios. Encaminha ao Diretor um "Lermo de declaração", ao qual não tivemos acesso, em que o Sr. José de Brito, morador do lugar Barreira da Boa Vista, na margem esquerda do rio das Mortes, fala sobre "a situação em que se encontram os índios Xavante, integrantes do grupo da aldeia de Maru-Acéde". Ismael Leitão refere-se ao conteúdo do documento, dizendo que, pelos fatos narrados, "verificar-se-á a condição do mais completo abandono em que aqueles índios se acham".

No mesmo ano de 1959, em 15 de outubro, o encarregado de posto envia à 8ª Inspeção Regional o relato das atividades e necessidades do posto. Em meio a solicitações de material de toda natureza para as aldeias Xavante assistidas pelo posto, Ismael Leitão mais uma vez cita a "aldeia de Maru-Acéde", confirmando a necessidade de instalação de um Posto Indígena naquela aldeia, pois são índios que "não sentiram diretamente os benéficos efeitos do SPI". Lembra que, até àquela data, os contatos entre o SPI e esses índios até tinham-se dado apenas no Posto Indígena Pimentel Barbosa.

Em outro relatório de 1959, tratando das necessidades do posto, o encarregado fala da importância da criação de um posto para os Xavante de "Maru-Acéde", de modo a atuar como "sentinela avançada na defesa do patrimônio indígena" frente às invasões crescentes. A cada ano que passava, as notícias de invasões dadas pelos relatórios de Ismael intensificavam-se, chegando ao ponto de, em 19.12.1960, em relatório encaminhado à 8ª Inspeção Regional do SPI, com sede em Goiânia, o encarregado de posto referir-se à chegada, no P.I.A. Pimentel Barbosa, de um topógrafo cuja missão era medir "reservas de terras pertencentes aos índios Chavante vendidas

sup

pelo Governo de Mato Grosso, estando de posse dos títulos os seus compradores, que são inúmeros".

É bom lembrar que recentemente o Ministério Público Federal entrou com ação no Supremo Tribunal Federal, ainda não julgada, visando anular a venda de títulos de propriedades incidentes em terras indígenas, feita ilegalmente pelo então Governo do Estado de Mato Grosso.

Ismael Leitão solicitava em seu relatório de 1960, mais uma vez, que o SPI tomasse alguma providência no sentido de "sustar o requerimento de vendas de terras na área em que os índios Chavante tem o seu 'habitat', até que este Posto consolide a pacificação de aldeias de índios Chavante ainda em estado arredio", referindo-se aos índios de MARÄIWATSÉDE.

Nessa época, os Xavante eram considerados "arredios" pela sociedade envolvente quando o assunto era receber um tratamento humanamente condigno, o que implicava, necessariamente, na garantia da terra indígena. No entanto, se o assunto era o uso do trabalho dos índios, como quando foram contatados por Ariosto da Riva, conforme consta no depoimento de vários deles no próximo capítulo do relatório, os índios não eram mais vistos como "arredios", e sim como "pessoas" aptas a serem exploradas. O uso do conceito de humanidade ou não dos povos indígenas, associado às palavras "pacificação", "arredios" etc ..., sempre foi manipulado de acordo com o tipo de relação que se desejava manter com o índio.

Durante os anos que se seguiram, até o ano de 1966, a história dos Xavante de MARÄIWATSÉDE esteve vinculada a Ariosto da Riva e ao grupo Ometto. A transferência dos índios que

SEP

representavam um "incômodo" para os novos "proprietários" da terra Xavante contou com o apoio da FAB, dos padres salesianos e, para que tudo fosse feito "dentro da lei", com o aval do SPI, expresso na seguinte autorização, datada de 11.7.66, e assinada por Nilo Oliveira Vellozo, então chefe da SASSI (Serviço de Assistência ao índio) :

"Pela presente, fica autorizada a MISSÃO SALEZIANA SÃO MARCOS a transportar índios Xavantes da Aldeia próximo ao São Félix, Mato Grosso, até aquela Missão, desde que os mesmos assim o desejem, ficando a permanência dos referidos índios condicionada à vontade dos mesmos".

O que os índios não desejaram foi a mortandade que se seguiu à transferência para São Marcos, mas apenas o retorno para a terra original de onde nunca quiseram sair, até hoje não efetuado.

[Handwritten mark]

C. A população regional

Antes da fazenda SUIÁ-MISSÚ instalar-se no território Xavante, os primeiros representantes da frente de expansão nacional que ali chegaram foram pequenos posseiros que habitavam a então "corrutela" de São Félix do Araguaia e seus arredores. São Félix do Araguaia era um lugarejo isolado, situado entre a Ilha do Bananal, terra dos índios Karajá, e a porção nordeste do Mato Grosso, região ainda indevassada e desconhecida, habitada pelos "temíveis" Xavante.

A fazenda SUIÁ-MISSÚ foi o primeiro latifúndio escriturado que se instalou na região, oferecendo emprego na abertura de picadas demarcatórias, a princípio, desmatamentos e criação de gado, posteriormente, a um grande número de trabalhadores locais. Contudo, antes da chegada da fazenda, grupos de posseiros aventuravam-se na terra indígena, muitas vezes entrando em conflitos sangrentos com os originais habitantes da região, os índios Xavante.

Em depoimento (abril de 92) rico de detalhes e preciso quanto às datas dos acontecimentos, Raimundo Aleixo Borges, 46 anos, criado na região de São Félix do Araguaia e ex-trabalhador da fazenda SUIÁ-MISSÚ, ajudou a construir a história da ocupação indígena, não-indígena, e dos conflitos entre índios, posseiros e os grandes fazendeiros que chegaram a MARÁIWATSÉDE.

Entre a cidade de São Félix do Araguaia e a região das aldeias Xavante existe o rio Xavantinho, afluente do rio Tapirapé. Na década de 50, o Xavantinho era o divisor natural entre a terra dominada pelos índios, a oeste do rio, e a região onde a população de São Félix começava a tomar conta, a leste do rio.

Handwritten mark

Raimundo Aleixo Borges morava com sua família na localidade denominada "São Sebastião", hoje conhecida como "Chapadinha", a cerca de 30 km de São Félix. Do rio Xavantinho até São Sebastião eram 12 km.

Até 1958, o rio Xavantinho era lugar mais avançado onde haviam chegado os primeiros moradores não-índios. Ao lembrar dos ataques da população regional aos índios e vice-versa, Raimundo narrou:

"(...) eles matavam porque os índios ... como que chama esse pessoal? migrantes. Eles vão tomando as terras, porque os índios mandavam de São Félix para lá. Lá só tinha índio, não tinha cristão lá. Aí foi povoando, começou São Félix, começou a fazer esses povoadinhos, sabe? aí os índios atacavam. Atacaram São Félix, atacaram as fazendas. (...) Então o pessoal foi entrando, entrando. Os índios atacavam, eles juntavam um grupo e atacavam os índios. Aí ia entrando mais. Os índios tornavam a atacar. Mas até que os índios mexiam mais se eles fizessem qualquer grosseria com eles. (...) O Tapirapé, o Xavantinho, o Gameleira, as cabeceiras do Xavantinho, aquilo tudo era habitado só por índios, só tinha índio, índio que mandava ali tudo. (...) Nessa época de 58 e 59, só tinha gente até ali a beira do Xavantinho, certeza! depois, os primeiros migrantes que foram entrando foi nós. (...) Não tinha ninguém aqui, era só índio mesmo. (...) Te digo até o nome das pessoas que tinham na beira do Xavantinho. (...) Tinha o Antonio Silva, Zé Joaquim, mais embaixo o velho Amâncio de Melo; (...) lá mais para baixo tinha gente na Serra de Magalhães, tinha a família dos Campo. Para cima tinha o velho Natávio e outros moradores (...). Tinha poucos, mas só na beira do Xavantinho. Do Xavantinho para cá não tinha ninguém. Eles tinham medo de entrar. (...) 58, 59, por aí."

Nesses mesmos anos, contudo, os moradores começaram a se organizar para adentrar o território Xavante. Raimundo Borges, então adolescente, e sua família fizeram parte do primeiro grupo de pessoas que cruzaram o rio Xavantinho para instalarem-se nas proximidades do médio córrego Capuxu. Com medo dos ataques Xavante, as cerca de 20 famílias que ultrapassaram o rio moravam agrupadas :

[Handwritten mark]

"(...) o primeiro grupo a entrar, a passar do Xavantinho para cá, foi o nosso, a família da gente. Foram famílias, parentes, conhecidos, que foram entrando e morando em grupo. (...) A gente fazia as roças naquele lugar por ali tudo em grupo, (...) morava tudo em grupo ali, não separava. Fazia a roça tudo junto, dividia (...). As roças ficavam tudo juntinho aqui, porque tinham medo dos índios. (...) (Os índios) andaram visitando, mas nunca mexeram com a gente não".

Logo a seguir, começou uma dispersão das famílias, e outros posseiros entraram no território indígena, cada vez chegando mais perto das aldeias Xavante. No entanto, antes da invasão às terras dos índios, houve um período de troca de agressões e de grandes massacres da população indígena, inferiorizada frente às novas armas dos regionais.

Raimundo A. Borges mencionou a aldeia Xavante situada nas cabeceiras do córrego Grotão, além das outras aldeias que existiam no córrego Gameleira e nas cabeceiras do Xavantinho em geral. Mencionou as "aldeias da Serra do Roncador". Conforme pudemos descobrir analisando o mapa, Raimundo referia-se às aldeias situadas na zona de transição entre o cerrado e a mata, que é a região da cabeceiras dos afluentes do rio Xavantinho :

"(...) a Serra do Roncador passa uma parte por dentro da mata e outra parte no campo. A mata cruza a Serra. (...) O Xavante só mora no campo. (...) Nas cabeceiras do Xavantinho mesmo. É onde eles moravam desde muito ... onde sempre eles moraram. (...) Nas cabeceiras do Grotão. Eles tinham aldeia aí. Eles atacavam o pessoal lá e o pessoal atacava eles aqui, vinham até aqui perto da aldeia deles atacar eles. (...) Tem uma parte da Serra do Roncador que passa por aqui assim. Tinha uma parte (das aldeias) em cima da Serra e outra mais para baixo".

As expedições punitivas organizadas pela população de São Félix já haviam cessado quando os primeiros moradores

BBB

cruzaram o rio Xavantinho, mas não estavam muito distantes no passado. Ainda na década de 50 houve conflitos desse tipo, mas então já eram mais raros.

"(...) Tinha esses grupos que se organizavam para matar os índios quando os índios atacavam eles. Era aquele pessoal mais velho. (...) Eles moravam tudo perto de São Félix mesmo. (...) Não moravam muito para cá não, sabe. Nem na beira do Xavantinho não era, era mais para lá. Isso é coisa de muitos anos atrás. Quando a SUIÁ entrou para cá, aí não existia mais esse negócio de matança de índios. (...) Diz que eles juntavam de grupo e atacavam. Geralmente não iam nas aldeias. Eles saíam e onde encontravam, como nessas cabeceiras do Grotão mesmo, teve lugar que eles mataram muito índio lá. Era perto da aldeia dos índios. Eles chegavam, achavam os índios caçando por ali ... o índio não fica na aldeia, ele fica um tempo, mas ele sai e faz as barraquinhas aqui, acolá; fazem as barraquinhas deles para ir caçar. Delí ele vai até quando chega um tempo e eles voltam tudo de novo para a aldeia. Então, aonde eles encontravam esses agrupamentos deles, eles atacavam e matavam. (...) No Riozinho também morreu muito índio, diz que morreu. Esses de lá já foi mais atrás. Mas a beira do Riozinho também tinha mais era índio. (...) Esse pessoal que atacava os índios, acho que já morreu quase tudo; quando eu conheci, nessa época eu tinha 15 anos, eles já eram tudo de idade, bom velhos. Morreu família, muita gente dos cristãos e dos índios também. Isso eu sei porque eles contavam, um contava para o outro, eu ouvia, as vezes não contava direto para mim, contava para outro, mas eu ouvia. (...) Isso foi talvez no final da década de 40 para 50. (Os "brancos") nem vinham no Xavantinho, só tinha na região ali de São Félix, pertinho mesmo, nas redondezas de São Félix. Só vinha para cá mesmo quando era para atacar."

Havia a contrapartida Xavante, os ataques dos índios que fazem parte da memória da população regional até os dias de hoje. Raimundo lembrou da morte da família de João Irineu, conforme Ismael Leitão, encarregado do P.I. Pimentel Barbosa, já havia contado, entre outras mortes:

"(...) teve fazenda, igual a do velho Severiano Neves que ficava pertinho da ... era na Serra Baixa; e tem outra família lá que eu conheci só as taperas deles lá, tinha engenho, tinha tudo lá, que os índios acabaram com tudo.

[Handwritten mark]

Era a família do Irineu, ficou um rapaz e uma menina. Mataram a família dele inteira. Foi nessa época que eles atacavam os índios também. (...) Os índios sempre estavam ali perturbando. Um cara pegou e jogou mel quente no índio. Ai os índios juraram eles. Vieram, só escapou uma menina e um rapaz."

Quando Raimundo foi trabalhar na abertura da primeira picada demarcatória da fazenda SUIÁ-MISSÓ, em 1961, os pequenos posseiros já haviam se dispersado pelo território Xavante, não moravam mais em grupos, muitos já estavam nas regiões das aldeias dos índios. Ele próprio não morava mais no córrego Capuxu, estava morando no rio das Mortes. Conforme informação prestada por ele, a área da SUIÁ-MISSÓ era toda dentro da mata da Serra do Roncador, sendo necessária a abertura de picadas dentro da mata. A sede da fazenda foi instalada no local chamado por eles "Boca da Mata", por ser justamente o limite entre o cerrado que terminava e a mata que começava. A sede, nessa época, era o limite mais extremo a leste da fazenda. Posteriormente é que a fazenda SUIÁ-MISSÓ apropriou-se de vastas terras mais a leste, após transferir os índios e ameaçar os pequenos posseiros que ali haviam chegado, forçando-os a sair também :

"(...) em 61 eu vim lá do rio das Mortes para trabalhar na SUIÁ, em agosto de 61. Eu vim do rio das Mortes, porque eu já morava lá, mas eu tinha ido para o rio das Mortes. Voltei e fui trabalhar lá, nessa época eu tinha 15 anos de idade, eles até não queriam me aceitar porque eu era muito pequeno. Ai eu fui para lá, depois aceitaram, porque eu ia junto com o meu tio. Nós entramos ali para dentro e fizemos essa parte aqui todinha (o limite sul, na época até o rio SUIÁ-MISSÓ), passamos 5 meses. Nós saímos em agosto de 61. Eu saí daqui de dentro (da mata) mais ou menos no dia 28 ou 29 de dezembro. O engenheiro que a gente foi, que mexia com isso, chamava Júlio. Era um italiano. O dono era esse Ariosto, tem o Abelardo e o outro que eu não lembro o nome. (...) Eles eram três sócios. (...) A gente foi para lá e trabalhou esse tempo todinho, mas comandado por esse Dr. Júlio. Mas esse Ariosto todo mês ele estava lá. (...) Ele ia até o campo de avião. Aonde tivesse um campo de avião ele

lua

baixava. Ficava por lá um tempinho, tempo curto, e ia embora. Sei que nós ficamos lá 5 meses. Saímos de lá em dezembro, quando nós amarramos a picada na beira do "Suiazão". A divisa da SUIÁ começava aqui da Boca da Mata. (...) A divisa era da mata com o cerrado. Era uma base de 1 km mais para dentro que começava a picada de divisa".

Grande parte da área atual da fazenda SUIÁ-MISSÚ foi "apropriada" tempos depois. Toda a parte de cerrado e uma parte de mata também, já que a divisa antiga correspondia aproximadamente a onde hoje é a BR 158, vindo do sul até a altura do cruzamento com a BR 242 (o local do cruzamento chama-se "Posto da Mata"). A fazenda "possuía" apenas a parte ao norte do trecho da BR 242 que começava na Boca da Mata (a sede da fazenda) e ia até o Posto da Mata (cruzamento entre as duas BR). E, é claro, a parte a oeste da BR 158. Pode-se deduzir, inclusive, que essas duas estradas, nos trechos mencionados, foram construídas posteriormente aproveitando a picada demarcatória da fazenda SUIÁ-MISSÚ. O córrego Três Pontes, por exemplo, que fazia a divisa natural entre a mata e o cerrado, atualmente dentro dos limites da fazenda, estava completamente de fora da SUIÁ. A tentativa de apropriação das terras já então ocupadas por posseiros, pois nessa época os índios já haviam sido transferidos para o "varjão", na região do Tapirapé, não teve o resultado almejado, mas mesmo assim a fazenda conseguiu "apropriar-se" de uma área fora dos limites originais :

"(...) depois ele estava começando a invadir as terras para cá, dos posseiros, sabe. O campo aqui, essa região tudo eles (...) estavam invadindo. (...) Aí veio uma reclamação lá e voltaram tudo; por isso que esses moradores que moravam nessa região toda aqui, Gameleira, Azulona, Xavantinho ... a beira do Xavantinho é muito grande; o pessoal que morava nessa região aqui, onde fica o tal da Boa Vista que você falou, esse pessoal foi todo embora, quase tudo para o Pará, por conta da SUIÁ estar

Handwritten mark

invadindo, dizendo que as terras eram dela, foi abrindo para lá. Mas aí o Ariosto já tinha vendido. Não era mais terra do Ariosto. (...) Começou a invadir a parte do cerrado. Já estava lá embaixo. (...) Os índios já tinha expulsado, porque os índios já estavam lá no Tapirapé. Aí começou a expulsar os posseiros. O pessoal ficava com medo e ia embora. Aí foi que veio a ordem não sei de onde e fez a SUIÁ arrancar a cerca e mudar aqui para a legítima divisa dela. (...) O Três Pontes era fora da SUIÁ. Aqui está muito claro. Esse rio não pegava nada dentro da SUIÁ. Esse terreno aqui era tudo terra dos índios. Essa estrada aqui (BR 158) mais ou menos é a divisa da SUIÁ, a divisa original. Essa parte de lá eu não conheço, esse parte do norte foi outro grupo que entrou. Essa do sul foi nós que fizemos."

Após a abertura da picada ao sul da fazenda em 1961, durante 5 meses seguidos embrenhado na mata, Raimundo Aleixo Borges ainda continuou prestando serviços esporádicos à SUIÁ-MISSÚ até 1965, pegando "empreitada de roçado, de derrubada, essas coisas".

A chegada dos posseiros ao território Xavante foi rápida. O tempo em que se concentravam com medo dos ataques indígenas já não existia mais em 61, época da chegada da fazenda. Os posseiros já estavam nas imediações das aldeias Xavante, espalhados, cada um em sua posse. Quando Raimundo foi trabalhar na fazenda, os índios estavam morando ainda em suas aldeias tradicionais, porém cercados de posseiros :

"(...) a primeira vez que eu vi eles mesmo, pessoalmente assim, foi quando começou a SUIÁ. Aí perto de onde era a sede, no primeiro campinho que foi feito, que eles fizeram as barraquinhas deles lá para ir caçar. Eles já não eram muito bravos. Agora, os bravos mesmo ficaram aqui na Serra do Roncador. Esses que ficavam nas cabeceiras do Xavantinho, por aqui, perto do Gameleira, por ali, esses não eram muito bravos; os outros bravos eram os da outra aldeia, essa de cima da Serra do Roncador. Eram mais afastados, não queriam contato. Para esses daqui irem para lá, primeiramente foi agradando os outros que moravam nas cabeceiras do Gameleira, foi indo, foi indo, aí eles fizeram a sedezinha deles lá. Eles concordaram de ir para lá. (...) Foi em 63 mais ou menos que os índios foram para lá. Não era bem perto da sede,

era fora da sede. Depois ... passaram pouco tempo lá. Mudaram eles para o rio Tapirapé. Mas depois que esses de lá já tinham convencido essa aldeia do Roncador ir para lá."

Antes dos índios mudarem para junto da sede, na aldeia WE'DE'OMO'RE, convencidos por Ariosto da Riva, conforme é narrado em detalhes por eles próprios no próximo capítulo, as negociações com os índios foram feitas através de um índio Xerente, chamado Caetano, já citado por Ismael Leitão em seu depoimento. Essas conversas ocorreram, de acordo com Raimundo, antes da instalação da fazenda, na época em que ele ainda morava no povoado de São Sebastião (atual Chapadinha):

"(...) esses índios já tinham sido conversados por um Xerente chamado Caetano, que vinha de lá conversar com esses índios daqui, de lá de São Félix. Vinha conversar, acho que já era por intermédio da SUIÁ. (...) Só conheci ele e o filho dele. O filho dele eu nem lembro o nome. Eles vinham aí. Era ponto deles dormir lá em casa, (...) pra cá de São Félix, (...) (Eu) morava no São Sebastião. Então ali era estrada deles. Eles dormiam ali e dali eles vinham aqui para a Serra. Isso era muito longe de lá, para vir para cá. A gente morava antes do Xavantinho. Eles vinham e conversavam com os índios. Foram domando os índios, foram domando ... quando a gente começou lá, esses índios começaram a frequentar lá, na Boca da Mata, a sede da SUIÁ. (...) A SUIÁ pediu para a gente não atirar nos índios, não espantar eles de jeito nenhum; agradar eles. Que desse tudo para eles, açúcar, comida, o que eles quisessem, que desse. Até roupa, que desse para eles, ela nem cobrava da gente. A gente tinha roupa por conta deles. Até que ela foi domando esses índios aqui ..."

A essa altura, os índios já estavam cercados em sua terra por todos os lados, seja pelos posseiros ou pela fazenda SUIÁ-MISSÚ. A alternativa de sobrevivência encontrada por eles foi estabelecer uma aliança precária com Ariosto da Riva, aceitando a proposta de mudar para perto da sede, não sem antes haver grandes discussões entre eles a respeito do passo decisivo que estavam

Handwritten mark

dando.

"(...) essa aldeia do Grotão geralmente que fez mais contato com a SUIÁ. Foi dali que partiu o contato. Esses do Grotão tinham contato com esses do Roncador, mas os do Roncador não tinham contato com o branco não. (...) Os primeiros a ser domesticados foram os do Grotão, esses da cabeceira do Grotão."

A convivência ao lado da sede não durou mais que dois anos. A princípio, houve uma relativa "boa-convivência", que logo depois se deteriorou, pois a permanência dos índios passou a ser um verdadeiro incômodo para quem tinha pretensões de domínio sobre o território:

"(...) Quando os índios concordaram de ir para lá, já tinha muito gado. Foi em 63 mais ou menos que os índios foram para lá. Depois ... passaram pouco tempo lá. Mudaram eles para o rio Tapirapé, mas depois que esses lá já tinham convencido essa aldeia do Roncador ir para lá. O dia da mudança deles, dos outros bravos, eu estava lá, na SUIÁ. (...) Os mais mansos já estavam lá. Foram eles que vieram e levaram os outros. (...) (Chegaram) a pé, tudo carregando as coisas nas ... as mulheres faziam a mudança, eles tudo pintado e pelado. Só pintado e com os arcos e flechas na mão. (...) Eles não conversavam, só conversavam com os outros mesmo. Só os índios mansos é que conversavam com eles. Eles passaram direto para a sede, para a sede assim, passaram direto para a aldeia. E ficaram para lá. (...) Esses outros já tinham as casas. Aí fizeram mais casas lá. Quando eles fizeram as casas lá, passaram um tempo, uma temporada, aí a SUIÁ pegou eles tudo e levou para o rio Tapirapé. Aí lá ficou essa aldeia que você fala, essa aldeia que eles ficaram no meio do varjão, que eles não gostavam. (...) (Na aldeia perto da sede) continuaram caçando, a SUIÁ matava gado para eles. Todo final de semana matava. (...) Eles faziam as festas deles lá, mas a gente não podia ir lá não. Ia, mas não era permitido pela SUIÁ a gente ir lá não."

Raimundo lembrou de quando a fazenda SUIÁ-MISSÓ deixou o gado entrar na área reservada às roças dos índios e destruí-la, ocasionando os conflitos que acabaram por resultar na mudança para o Tapirapé, história essa narrada em detalhes pelos

ELB

Xavante no próximo capítulo. Chega inclusive a lembrar de Dario, um funcionário da fazenda "encarregado dos índios", muito citado pelos Xavante em seus depoimentos.

"(...) tinha o Dariozinho, um baixinho. Ele que ajeitava todo o negócio dos índios. Ele fazia como se fosse um chefe deles, como se fosse um gerente deles. Eles tinham o cacique deles lá, mas o Dariozinho que coordenava tudo. Pedia alguma coisa para eles para a SUIÁ, o que eles precisassem. Ele ia lá e dava para eles. Ele que levou eles lá para o Tapirapé. (...) A roça deles não era lá na aldeia, a roça deles era aqui dentro, na (mata). A SUIÁ fez a derrubada e marcou um pedaço lá para eles plantarem as coisas deles. (...) Um determinado pedaço, falou: 'isso aqui é de vocês, só para vocês plantarem'. E depois jogou o capim. Quando o capim formou, ela jogou o gado. (...) estragou a roça deles também. (...) Lembro direitinho. (...) A SUIÁ plantou arroz e eles plantaram milho, plantaram tudo. Quando a SUIÁ colheu arroz, eles usaram o colonhão que eles tinham para o gado. Soltaram o gado lá dentro. (...) Logo depois disso que eles foram embora."

Nesse contexto de relações entre índios e não-índios, não é difícil imaginar que as mulheres Xavante foram alvo da cobiça sexual dos trabalhadores da fazenda.

"(...) reclamação devia ter, mas pouco ficava sabendo daquilo, porque esse Dariozinho não deixava a gente ir lá na aldeia. A gente ia lá, mas ia escondido dele. Tinha muito peão, peão ia lá escondido, mas ele não deixava a gente ir lá não. Não era permitido, (...) porque o peão bagunça tudo. O costume dos índios é outro, chegava lá o peão se metia com o pessoal deles lá, eles não iam aceitar, ia virar bagunça. (...) Ah, isso eu ouvi dizer que tinha, mas só deles mexer com as índias. Casamento eu não sei se teve não. (...) Eles davam um agrado para os índios lá e perturbavam as índias."

Com as relações entre a fazenda e os índios deterioradas ao máximo, os Xavante foram empurrados para uma área alagadiça, conhecida como "varjão", perto do rio Tapirapé, fora da

[Handwritten mark]

fazenda. Desse lugar, onde chegaram a passar fome, os Xavante voltaram para a pista de avião da sede da fazenda para serem transferidos, em 1966, para a Missão Salesiana São Marcos, após um acordo que envolveu a fazenda, os padres salesianos, a FAB e o SPI. Como bem conta Raimundo A. Borges, os Xavante queriam na verdade voltar para as aldeias originais, após uma perambulação sem fim, que, aliás, dura até os dias de hoje. Contudo, a região das aldeias antigas estava na área pretendida pela SUIÁ, além de já estar então muito ocupada por posseiros:

"(...) Quando eles saíram daqui, já estava tudo tomado essa região deles, tudo tomado de posseiro, mas eles ainda viviam por aí. (...) No final de 64, mais ou menos. O certo é que a SUIÁ queria se ver livre deles perto da sede. Ela apelava para isso, dizia que não queria que os peões fossem lá perturbar os índios. Aí mudou eles lá para o Tapirapé. (...) A mudança deles para lá eu não vi não. (...) No começo eles não queriam ir não. Eles queriam vir para cá, mas a SUIÁ queria levar eles para lá, porque para lá não tinha muito recurso para eles. (...) (Eles queriam) voltar aqui para a Serra do Roncador, (para a beira) do Grotão, aí para cima. Mas aí já estava tudo tomado de gente, já estava cheio de morador, de fazendinha, posseiro. Eles não queriam ir para lá porque o terreno não era muito adequado para eles. Mais certo era para onde eles estavam, onde eles moravam, para a Serra do Roncador, para cima da Serra do Roncador. Para a cabeceira do Gameleira, onde era a aldeia velha deles. (...) (O Tapirapé) é um lugar que só tem varjão, muito alagado. Eles não queriam ir para lá porque não é o lugar ideal deles. Eles são de onde tem caça ... (...) Eu ouvi dizer que eles começaram a reclamar, começaram a achar ruim, porque lá eles estavam dependendo da SUIÁ. A SUIÁ que levava toda a alimentação deles. Eles tinham como caçar, mas não era como nas cabeceiras do Grotão. Para alimentar, eles tinham que depender da SUIÁ. (...) Quando eu saí (da SUIÁ), eles ainda estavam na beira do Tapirapé."

Após a saída dos Xavante, a fazenda voltou-se contra os posseiros que habitavam principalmente a região de cerrado. Os parentes de Raimundo Aleixo Borges, assim como grande número de

~~157~~

moradores locais, sofreram ameaças da fazenda SUIÁ-MISSÚ e foram obrigados a sair de lá também. Há uma coincidência aproximada entre a data da transferência final dos índios - 1966 - e a saída de Raimundo e seus parentes de lá - 1965 - devido às ameaças da fazenda. Anos depois, contudo, muitos dos posseiros que foram de lá expulsos começaram a voltar para a região, principalmente na década de 70, quando então a fazenda já havia recuado um pouco da área invadida na década de 60.

O habitante original e verdadeiro dono da terra, no entanto, ainda não retornou. Os Xavante foram obrigados a abandonar a terra de seus ancestrais, nunca deixando de tentar voltar.

Durante a pesquisa de campo realizada em fevereiro de 1992, ficou evidente a todos os participantes do grupo de trabalho que a história da expulsão Xavante e a existência de locais de aldeias antigas e cemitérios dos índios é de conhecimento público de todos os moradores da região. A maioria dos moradores locais confirmava saber da existência dessas aldeias, e muitos falavam que viam frequentemente os índios retornando, todos os anos, para visitar seus parentes mortos e coletar materiais abundantes na região.

Na casa de um dos posseiros que hoje habita as cabeceiras do rio Xavantinho, muito próximo a algumas antigas aldeias Xavante, tivemos a oportunidade de recolher, junto a um rapaz de aproximadamente 18 anos, filho do dono da casa, um importante depoimento.

Fato comum na época do avanço da população nacional em território Xavante, como já foi dito, era a organização de expedições punitivas que visavam matar o maior número possível de índios. Por motivos de segurança da pessoa que prestou o depoimento:

[Handwritten signature]

já que o nome de um dos "caçadores de índios" mencionados por ele vem de família com importante influência política na região, não citaremos o nome dessas pessoas. Os "caçadores" serão identificados apenas com os números 1 e 2 :

- "(antropóloga) o "1" é o que? é daqui da região?
 -(informante) ele é daqui da região, mas mudou.
 -(ant.) o que você sabe dele? ele matava índio?
 -(inf.) ele chegava nas aldeias, aí, quando tinha índio pequeno assim, menino índio, chegava e atacava a porta da aldeia. Aqueles que estavam do lado de fora corriam, né, aqueles que estavam do lado de dentro, ele pegava, jogava dentro do rio e matava afogado. Os outros, ele metia tiro e acabava de matar. Os outros grandes ele topava no mato e campeava eles de cavalo para matar. A hora que topava os índios de cavalo, metia fogo e matava.
 -(ant.) onde?
 -(inf.) aqui nessa região mesmo da Serra Nova para a beira do Riozinho ali. (...) Ele matava os índios tudinho aí, o que topava na frente, ele metia fogo e matava.
 -(ant.) as crianças também.
 -(inf.) criança que topava dentro da aldeia ele afogava dentro do rio e matava a criança afogando, jogando dentro.
 -(ant.) (...) ele está vivo até hoje?
 -(inf.) está vivo.
 -(ant.) (...) esse outro que matava era o "2".
 -(inf.) é, "2".
 -(ant.) não tem outro nome não?
 -(inf.) tem, mas nós só conhece por "2", né.
 -(ant.) e ele matava os índios aqui nessa região também?
 -(inf.) matava.
 -(ant.) todo mundo sabe dessa história aqui?
 -(inf.) sabe.
 -(ant.) quem te contou, como que você sabe dessa história?
 -(inf.) eu sei porque ele mesmo que matava e ele mesmo que chegava lá na Serra Nova e ficava falando. O velho "1" mesmo é costumado de falar que matava índio.
 -(ant.) mas você mesmo já ouviu ele contar?
 -(inf.) eu já ouvi ele contar com a boca dele. "Se pecado fosse matação de índio", ele disse que "não tinha mais salvação no céu", porque, ele disse, o tanto de índio que ele já matou!
 -(ant.) por que que ele fala que fazia isso?
 -(inf.) não sei ... deve ser ruindade dele, né."

REP

Quando o rapaz terminou o depoimento, os índios confirmaram a história e contaram a sua própria versão, não muito diferente da história do rapaz, pois muitos deles estavam na aldeia em que isso aconteceu. O depoimento dos Xavante está no próximo item do relatório.

END

5. A HISTÓRIA CONTADA E VIVIDA PELOS PRÓPRIOS XAVANTE

Todos os dados apresentados nesse item foram recolhidos das narrações, explicações e discursos formais feitos pelos Xavante que acompanharam o grupo de trabalho, sendo importante enfatizar que todos os mais velhos foram nascidos e criados em MARÁIWAISÉDE, mostrando-se profundos conhecedores da região visitada e de sua história.

O índio mais velho presente nos trabalhos de identificação chamava-se Davi (com idade de aproximadamente 90 anos), sogro de Tibúrcio (70 anos), que era o cacique na época do contato com os primeiros membros da sociedade nacional.

Em sua fala formal de apresentação ao gerente da fazenda SUIÁ-MISSÚ, no dia seguinte à chegada na fazenda, Davi lembrou que estava presente às primeiras lutas com os "brancos". Seus avós lutaram com armas para defender o povo, a terra, a natureza. Natureza essa que não é mais como antes. Hoje há poluição dos rios, matas etc ... Naquele tempo, eles defendiam a terra para ninguém entrar. Veio de Goiás subindo os rios até chegar em Mato Grosso.

Os mais velhos hoje lembram o tempo em que eles "tomavam conta de tudo" até o rio Xingú, tempo da liberdade. Defendiam-se com flechas para mulheres e crianças não morrerem. Hoje, que tiveram que se habituar com o "branco", querem discutir como que vai ser o retorno ao território. Finalizando sua fala, Davi disse que queria ir ao local onde aconteceram as primeiras lutas, aos cemitérios

Atta

onde muitos foram enterrados.

Seguindo o estilo tradicional Xavante, outros índios apresentaram-se formalmente, quando então já traçaram o esboço da região que era de domínio dos Xavante de MARÁIWATSÉDE.

Paulo, o principal tradutor das falas dos mais velhos, em seu discurso lembrou que os Xavante tomavam conta de tudo até o rio Tapirapé, ao norte, o rio Garças, ao sul, além do rio Xingú, a oeste, já mencionado por Davi. Nessa época, o maior número de Xavante estava concentrado nessa região, não deixando penetrar em seu território os Karajá, habitantes do vale do rio Araguaia, além dos Bororo, os Kalapalo, os Kaiapó. Esses índios apareciam para roubar as crianças, mas os Xavante eram muitos e tomavam conta da terra. Hoje, os velhos choram quando lembram desse passado.

Atualmente morando perto do rio Culuene, Rafael disse que todos que estavam presentes "nasceram aqui de gerações no passado". Veio de muito longe, do Culuene, não para brigar. Veio para discutir o retorno para a área. Naquele tempo antigo, havia uma aldeia ali perto, e um homem e uma mulher saíram para procurar inhame. Nunca mais voltaram. A suspeita é de que foram mortos pelos "brancos". Levando fatos como esse em consideração, é que eles vieram para discutir como vai se dar a volta.

Para se ter uma idéia dessa ocupação antiga, o rio SUIÁ-MISSÚ, afluente do alto Xingú que tem suas cabeceiras na Serra do Roncador, é e era chamado pelos Xavante de MÃ'RÁI'WA'TSÉ'PA, ou seja, "rio do MARÁIWATSÉDE".

Esse dado é importante na medida em que esclarece o quanto os Xavante perambulavam à procura de caça, peixes,

OLP

frutas, material artesanal etc em terras bem distantes daquelas onde tradicionalmente faziam suas aldeias.

O povo Xavante sempre habitou a região de "cerrado", que no caso em questão é uma área de transição entre as planícies inundáveis do Vale do Araguaia, a leste, conhecidas como "varjão", e a Serra do Roncador, a oeste, coberta por matas que vão se tornando cada vez mais densas, pois já são o início da mata amazônica.

As aldeias são feitas no cerrado, de onde os Xavante retiram parte de sua dieta alimentar e material para confecção de todo tipo de objetos. Contudo, a mata que cobre a Serra do Roncador também era importante fonte de recursos para a sobrevivência do povo Xavante. Em um de seus depoimentos, Paulo contou:

"(...) eles penetravam (...) para o lado do Xingú. Nessa floresta aí, eles penetravam à procura de inhame, mas como não dava para fazer deslocamento, fazer aldeia dentro era muito difícil, porque não tinha palha para fazer casa, então eles acampavam com uma planta chamada WESUPÓ, igual planta de bananeira. (...) Não dava para fazer casa nessa mata, então por isso que os nossos bisavós, os nossos pais mesmo, saíam para o cerrado. (Na mata) só procuravam a pesca, a caça, a fruta que é útil para alimentação. Não ficavam. Às vezes acampavam um ano, três anos, depois saíam. (...) Acampavam, mas não faziam aldeia. Depois saía no cerrado, os nossos avós, para preservar essa mata. (...) Andávamos nessa mata todinha, até no (rio) Xingú, até lá no (rio) Tapirapés. Subia no Tapirapé, descia, todos os lugares. Pegava no Xingú até Culuene, subindo. Eles pegavam o território inteiro, andavam tudinho. Depois saía e recolhia para essa aldeia chamada BO'U. (...) (Para o lado do Xingú) encontravam com os Kaiapó, com a turma do Raoni, Txukahamãe e também aqueles Trumai. A gente só pegava o território de lá para cá. O rio também ficava para o pessoal do Xingú, que é nosso parente."

O rio SUIÁ-MISSÚ, portanto, situa-se todo ele na região de matas, fora do "habitat" tradicional Xavante, o cerrado, mas nem por isso deixa de ser chamado o "rio de MARÁIWATSÉDE",

Handwritten mark

ilustrando o quanto a região de matas era e é importante para os Xavante como fonte de recursos.

Um outro depoimento importante foi o dado pelo atual cacique, Damião PARIDZANÉ, filho de Caetano RUÁ'WÉ, o líder que antecedeu Tibúrcio. Damião revelou que os antigos costumavam ir de WE'DE'OMO'RE (aldeia que foi construída a 2 km da sede da fazenda SUIÁ-MISSÓ, na época da chegada de Ariosto da Riva, e depois abandonada, existindo até hoje o cemitério onde muitos índios foram enterrados) e de outras aldeias até o rio Xingú e afluentes, onde eram frequentes os contatos amigáveis com os Kalapalo.

WE'DE'OMO'RE foi construída exatamente na região onde terminava o cerrado e começava, abruptamente, sem uma transição mais branda, a mata da Serra do Roncador. Não por acaso foi esse também o local onde se construiu a sede da fazenda, por ser a mata, naquela época, impenetrável.

A frente de expansão nacional vinha do vale do Araguaia rumo ao oeste, passando pelo varjão, cerrado e, finalmente, defrontando-se com a mata indevassável.

Damião disse que os Xavante eram acostumados a percorrer trilhas de longa distância, como a que ligava WE'DE'OMO'RE, passando em plena mata, à atual região da cidade de Cascalheira, habitada por outros grupos Xavante. Havia inclusive grupos guerreiros que chegavam a atravessar o rio Xingú para a sua margem oeste.

Recentemente (março de 1992), na sede da FUNAI, em Brasília, Milton Tajuí Kalapalo afirmou que há grupos Xavante que costumam caçar nas terras xinguanas, perto das aldeias Kalapalo, até

Handwritten mark

os dias de hoje.

A defesa do vasto território Xavante implicava em alianças ou guerras com os grupos vizinhos. Se com os Kalapalo e os Kaiapó, entre outros, as relações de aliança eram mais frequentes, o mesmo não pode ser dito com relação aos Karajá. Povo que tradicionalmente ocupa o vale do rio Araguaia, a disputa pelo domínio da margem esquerda do rio entre os Xavante e os Karajá foi acirrada.

Como ilustração dos sérios conflitos que envolveram até há pouco tempo esses dois povos, Paulo narrou uma história conhecida por todos os Xavante, pois ainda é forte na memória coletiva da geração atual, e que, é claro, trata da versão Xavante de um conflito intergrupar que resultou em vencidos e vencedores. Esse conflito, particularmente, diz respeito aos Xavante de MARÄIWATSÉDE, pois eram eles que habitavam a região em questão.

Com data provável situada entre o fim do século passado e o começo deste século, ainda numa época em que a sociedade envolvente não havia se instalado nessa região, um grupo dos Xavante e outro dos Karajá encontraram-se em uma das praias de verão do Araguaia, quando então confraternizaram-se em meio às danças que cada grupo apresentava, como forma de selar uma possível aliança.

Ocorre que, segundo a etnohistória Xavante, os Karajá esconderam suas bordunas na areia da praia enquanto os Xavante dançavam descontraídos. Traíndo a amizade recém-conquistada, atacaram e mataram os Xavante. Contudo, repetindo um tema comum na mitologia Jê, um único homem conseguiu escapar mergulhando no rio, deixando-se levar pela correnteza poderosa até um ponto seguro.

Como era de se esperar, os outros Xavante foram

cup

avisados da tragédia pelo sobrevivente, decidindo a partir de então preparar um plano de vingança. Como estratégia, resolveram construir um tipo de enfeite especial, enorme, que os Karajá jamais haviam visto. Após dias de viagem, levaram-no até uma praia do Araguaia, onde foi colocado em um lugar alto, ressaltando a sua beleza.

Aguardaram escondidos por trás das árvores a reação dos Karajá. Os primeiros Karajá que passaram no local em suas canoas maravilharam-se com o enfeite que nunca tinham visto e resolveram retornar à aldeia para chamar as outras pessoas, para que elas também pudessem ver o inusitado.

Vieram então em suas canoas os velhos, as mulheres, as crianças, todos curiosos para ver e pegar o tão falado enfeite. Os Xavante, espalhados na beira rio, assistiam a tudo em silêncio, enquanto os Karajá chegavam e tentavam alcançar o enfeite, cansando-se nessa tarefa. Ao fim de horas de contemplação e cansaço, os Xavante surgiram e massacraram o povo que se deixara levar pelo fascínio do desconhecido. Estava realizada a vingança Xavante.

Também com os Tapirapé, vizinhos do norte, tiveram conflitos. Um famoso líder Tapirapé, vivo até hoje, teve sua mulher e filho aprisionados pelos Xavante durante uma caçada coletiva. Usando a técnica de atear fogo em forma de círculo, para concentrar a caça espantada ali dentro, a mulher e o menino Tapirapé foram surpreendidos pelos Xavante dentro de um desses círculos de fogo.

Foram levados para uma aldeia Xavante, onde lhes foi permitido continuar vivendo. A mulher Tapirapé mora ainda com os Xavante na Área Indígena Areões. Seu filho aprendeu a língua Xavante, para tempos depois retornar à aldeia original, onde encontrou seu pai, que, emocionado e grato, afirmou considerar-se

2110

"irmão" dos Xavante por esses não terem matado seus parentes.

Antes dos primeiros contatos com a população regional que chegou ao território indígena, existiam várias aldeias Xavante espalhadas estrategicamente na região, de forma a impedir invasões de outros grupos.

Algumas aldeias eram maiores que as outras, verdadeiros centros de dispersão de onde saíam grupos de guerreiros para formar "aldeias-satélites", com o objetivo de defender o território, sem, contudo, perder os laços de parentesco e amizade com os habitantes da aldeia central, sempre reforçados por rituais periódicos que estimulavam a visita entre os grupos.

A aldeia maior continuava sendo um centro de decisões políticas importantes e um centro cultural, na medida em que grandes festas eram lá realizadas, atraindo os "parentes" espalhados em outras aldeias.

A principal aldeia de MARÁIWATSÉDE, a maior e mais antiga, era BO'U (ver localização das aldeias no mapa anexo). BO'U quer dizer "urucum", pois havia muitos pés de urucum no local. A maior parte dos mais velhos hoje vivos nasceu e se criou em BO'U, inclusive o avô do Cacique Aniceto (de São Marcos) nasceu nessa aldeia. Quando BO'U foi fundada, não havia "brancos" no território Xavante ou em suas proximidades. Quando os invasores começaram a chegar, os habitantes de BO'U dispersaram-se e fundaram outras aldeias. É Paulo quem diz :

"(...) esse é BO'U, né, a principal, é como 'capital', que ficou. Então, dessa aldeia era sempre o centro. Muitos fizeram aldeia em redor dessa aqui. (...) Quando era para combinar as coisas, as aldeias cada uma tinha o

Paulo

líder para fazer reunião, qualquer coisa. Depois disso, quando os moradores estavam penetrando, juntou essas aldeias que estavam em redor. (...) Juntou todo mundo aqui para depois vir aqui no UB'DÔNHO'U"

UB'DÔNHO'U, isto é, "capivara", era outra aldeia antiga situada próximo a BO'U. Os índios das duas aldeias costumavam frequentar-se periodicamente. UB'DÔNHO'U também havia sido fundada antes da chegada do invasor "branco", mas era uma aldeia menor. Damião explica :

"(...) quando sentia saudade para visitar, voltar, encontrar o primo, irmão dele, volta aqui no BO'U. Depois vai voltando de novo e cada um ficando, se cuidando, antes do branco. Mas agora, quando branco chegou, juntaram aqui no BO'U e depois foi UB'DÔNHO'U".

Ou seja, com a chegada do "branco", houve uma primeira aglutinação em BO'U, depois em UB'DÔNHO'U. Posteriormente, com a iminente pressão dos invasores, houve uma dispersão. Em UB'DÔNHO'U havia um lago repleto de lama, um "barreiro" preferido pelas capivaras. A aldeia tem o nome de "capivara" porque nesse local elas eram abundantes.

As longas caminhadas que iam até o Xingú, Tapirapés etc tinham como centro dispersor a aldeia BO'U. Os Xavante perambulavam por esse vasto território e recolhiam-se na grande aldeia.

Relativamente próximo a BO'U e UB'DÔNHO'U, na região das cabeceiras do rio Xavantinho e seus afluentes, havia também a aldeia TSIB'TO'MG'TSÉ, que quer dizer "olho vermelho", porque nesse local surgiu uma doença desconhecida pelos índios e que deixava os

etc

olhos das pessoas avermelhados, devido a um tipo de irritação. Essa aldeia também fazia parte das aldeias antigas, anteriores à chegada dos primeiros posseiros e fazendeiros, mas de importância menor.

Ainda nesses tempos antigos, provavelmente antes da década de 50, uma outra aldeia central, também um centro de dispersão, porém não tão antiga quanto BO'U e UB'DÖNHÖ'U, foi fundada perto do rio Tapirapé por um grupo que saiu das duas aldeias mencionadas. Era TSÉ, cujos integrantes nunca deixaram de manter relações de vários tipos com os habitantes de BO'U e UB'DÖNHÖ'U, pois sempre retornavam a essas aldeias.

TSÉ era uma aldeia grande e numerosa, de onde outros grupos também saíram com a finalidade de proteger e defender o território, fundando aldeias "satélites" em relação ao centro que era TSÉ. Ela, por sua vez, mantinha esse tipo de relação com BO'U, principalmente.

Pelo menos duas aldeias foram fundadas depois de TSÉ, mantendo com ela a relação de filial para matriz. Nessa época, contudo, o avanço da frente de expansão nacional já se fazia sentir pelos Xavante. Foram elas ÉTE'TSIMÄ'RÄ e IRE'PA. Esta última foi fundada por Tibúrcio e seu grupo, saídos de TSÉ. Damião explica :

"(...) só que o pessoal ficou uma parte (em IRE'PA), ficou um grupo cuidando. Mas quando convida um grupo para fazer festa, vem na aldeia TSÉ e fazia junto, depois voltaram aqui. Cada um tem que cuidar dessa região toda, porque o branco está chegando já, está vindo para ameaçar a terra. (...) Outro grupo ficou, esse aí é o grupo do Tibúrcio, morava aqui sempre".

A localização de IRE'PA era aproximadamente na metade do caminho entre o povoado hoje denominado Alto da Boa Vista e o médio rio Xavantinho, perto da estrada que vai para São Félix do

Handwritten mark

Araguaia, a BR 242. IRE'PA quer dizer "barreiro", ou seja, o barro de onde as antas e outros animais retiram sal, um local muito apreciado pela caça. Como havia muitos "barreiros" nessa região, a aldeia tinha esse nome. O relacionamento com o povo de TSÉ era constante, motivado pelas relações de parentesco, rituais etc ...

Nessa época, fim da década de 40 ou começo da década de 50, aproximadamente, o "branco" estava começando a chegar ao território Xavante, na maior parte pequenos posseiros e, posteriormente, já na década de 60, grandes fazendas agropecuárias.

A outra aldeia fundada pelos que saíram de TSÉ era ÉTE'TSIMÃ'RÃ, bem distante de IRE'PA, situada perto do alto rio Tapirapé. O nome dessa aldeia vem de um tipo de morro cuja formação lembrava as casas tradicionais Xavante, existindo muitos deles na região onde foi fundada a aldeia.

Um dos mais velhos que acompanhou os trabalhos de identificação chama-se Raul. Contou que era ainda adolescente em ÉTE'TSIMÃ'RÃ, mas já havia passado pela cerimônia masculina de furção de orelhas, WAI'Á, ritual que marca a passagem para a maturidade, quando foi visitar, junto com três outros mais jovens, um dos primeiros moradores não-índios que chegara na região.

Passou, então, por um dos momentos mais dramáticos de sua vida, e que ilustra muito bem o contexto de relações conflituosas e desvantajosas em que os Xavante foram inseridos com a chegada dos invasores de sua terra.

O local onde esse morador residia era chamado pelos Xavante de NO'ROFE'PEHOI'RÃ, ou seja, "onde tem muito babaçú". Raul contou a história em Xavante, muito emocionado, e foi traduzido

~~BRUNO~~

por Paulo :

"(...) a história que aconteceu é coisa real, né, é verdade. Quando ele era rapaz, foram num morador que chamava Tibúrcio. Primeiro morador que o Xavante teve apoio de arrumar mandioca, arrumava farinha, todas essas coisas, né. Então, quando ele chegou naquele lugar, foram quatro, o Raul mais o primeiro primo, outro primo dele e um primo nosso, que foram junto. Quando encontrou, aquele velho Tibúrcio, que era morador, acho que ele estava doente, mas a mulher dele avisou o pessoal para não pousar aí. Eles tinham que ir, porque o pessoal que estava roçando, diz que estava bravo, para ninguém chegar na casa do Tibúrcio, porque diz que ia acontecer que ia matar o índio, né. (...) (Os índios foram avisados) para não pousar, dormir, na casa deles, porque os outros que estavam trabalhando na roça iriam matar os índios. Que aconteceu? veio, era mais ou menos de tardezinho assim, para avisar para ninguém pousar aí, porque os índios iam ser matados. Aí a mulher do velho Tibúrcio, e naquele tempo não entendia, não sei se algum falou para ela, porque ela começou a chorar, né, por causa que os índios iam morrer dentro da casa dela, né. Diz que ele falou: "isso não pode acontecer dentro da minha casa, eu vou avisar eles para eles não pousarem aqui, eles írem embora". Além disso, a mulher avisou, mas um não queria sair de lá. E o Raul falou para ele: "não, o que ela falou nós devemos cumprir, vamos embora, porque vai acontecer mesmo". (Os outros) não acreditavam e queriam ficar. Era uma pessoa, era um primo nosso que não queria ir embora, que queria ficar, pousar, dormir. Aí depois chegou mais uma pessoa da roça avisando: "é melhor você mandar esses índios embora, porque nós vamos matar eles". A mulher chorava mais ainda, estava já com dó dos rapazes, dos índios que iam morrer. Aí, certa hora, já era mais ou menos 7 horas, eles viram a lanterna vindo da roça para ver se eles estavam ainda lá. De fato, eles "estavam dentro, estavam dormindo. O Raul falou: "é melhor nós sairmos daqui, senão nós vamos morrer aqui dentro". "Não, não vai acontecer nada, o pessoal fala que nós vamos morrer aqui dentro, mas não vai acontecer nada". "Tudo bem, então nós vamos ficar, nós estamos prontos para morrer na mão dos brancos", o Raul falou. Aí, quando já era talvez meia-noite, o pessoal cercou a casa: o velho estava doente, mas só a mulher que viu o acontecimento disso. O pessoal entrou e o Raul, e o próprio primo dele que já tem mais facilidade de se defender, eles se defenderam um pouco, mas aqueles dois que estavam, o primo meu, mais o primo dele, estavam dormindo e cortou o pescoço deles. (...) Morreu na hora, nem acordou, nem viu. Morreu deitado mesmo. Mas o Raul, os dois estavam se defendendo, o outro pegou assim, por trás, para matar aqui, dar uma facada aqui na barriga:

mas o Raul quando era rapaz era rápido, forte, então ele virava assim, ele torcia, para não ser facado, né. Torcia, mas um que estava na frente, para dar a facada, diz que pegou aqui, pegou aqui em baixo, (...) na barriga e cortando na cabeça. Quando ele virou assim, jogou um cara na parede assim, não sei se ele matou ou não. Ai depois, ele, com o cara que estava segurando, desceu bem rápido assim, escapou do cara e fugiu. (...) O Raul estava (com orelha furada), mas aqueles, os outros, não. Então, era aquele que mandava tudo naqueles adolescentes que não era furada a orelha. Só ele que estava com furo na orelha e o primo dele. (...) Como (o primo) já tinha recebido muitas facadas, abriu o portão, que o portão estava aberto, e morreu, não dava nem um metro. (...) Só (o Raul) que escapou. Mas como era escuro, (ele) nem conseguia fugir. Ficou escondido por perto, vendo, assistindo o primo dele sair e cair na frente e os caras batendo lanterna para ver se estava morto. O Raul, como era noite, para não atravessar, assim mesmo levantou; tinha um pau atravessado e dois paus assim, e deitou, porque não aguentava de ir, tocar para frente. Quando era talvez uma hora, duas horas, o cara acendeu o fogo, talvez com óleo diesel, para queimar a lenha para jogar aqueles que estavam mortos, jogar em cima do fogo, os três que já estavam mortos. Um, acho que não estava muito morto, que é o primo dele, porque ele estava falando, gemendo de dor. Ele escutava o gemido do outro, do primo dele. Mas assim mesmo os caras jogaram no fogo e queimaram eles. Quando amanheceu, quando ele levantou, nem aguentou de tocar para frente; assim mesmo ele foi indo, foi indo, mas todo sangue saía fora do corpo todinho. Esse que aconteceu, ele não contou tudo, porque teve vontade de chorar. Por isso que ele pensa, ele quer a vingança dele disso. Ele falou que, onde que aconteceu, se o pessoal topar, é para a gente ir lá nesse lugar."

Quando os Xavante foram para ÉTE'TSIMÃ'RÃ, muita gente já havia morrido em BO'U e UB'DÔNHO'U em conflitos com os regionais. Poucos anos depois do acontecido na região de ÉTE'TSIMÃ'RA, Raul e muitos outros iriam presenciar outro tipo de agressão. Dessa vez, eles já estavam morando em outra aldeia, relativamente afastada da antiga BO'U, novamente nas cabeceiras do rio Xavantinho. Nessa aldeia - U'DZU'RÃ'WAWÉ, "o local onde tem muito buriti", Raul ainda era adolescente, mas já trazia em seu corpo a cicatriz, que permanece até hoje, do esfaqueamento que sofreu.

RUP

Em U'DZU'RÄ'WAWÉ, Raul e Paulo, que na época era criança, sofreram um dos ataques organizados às suas aldeias, fato comum naquele tempo, e que foi mencionado no item anterior e narrado pelo filho de um morador dessa região. Após ouvirem a história contada pelo WARADZU ("branco"), eles deram ao grupo de trabalho a versão de quem viveu os fatos. É Paulo quem conta :

"(...) o Raul estava na presença dessa aí. Nós estávamos também, nós era ... com 6 anos, mais ou menos. Eles (Raul e outros índios) eram mais velhos. (...) Nós estávamos no meio da aldeia, né, jogando flechinha. (...) U'DZU'RÄ'WAWÉ, aonde que tem muita fruta de buriti. Era um buritizal, né, que a gente chupava aquela fruta de buriti. Naquele tempo, a gente era afastado do MARÄIWATSÉDE. Então, quando nós estávamos jogando flecha no meio da aldeia, nós vimos que os brancos iam atacar, estavam em cima de nós. Então nós corremos e ele (Raul) que assistiu isso. (...) (O Raul) lembra tudo. Ele era rapaz quando assistiu isso aí. (...) Dez crianças que foram tiradas para massacrar, para matar, né. Só criança. E os velhos se livraram fugindo, entraram no mato. Só ele que depois voltou junto com os pais, os pais vinham tirar as crianças, mas já estavam na mão dos brancos para matar. É isso que ele estava contando."

Nesse tempo (década de 50), os Xavante estavam em processo de dispersão dos grupos em várias aldeias pequenas, modo pelo qual reagiram ao impacto da chegada da sociedade nacional. BO'U já não existia mais como aldeia principal e numerosa. Existiam IRE'PA, fundada pelo grupo de Tibúrcio, e outras aldeias pequenas. Entre elas, MONIPÁ, fundada nas cabeceiras do córrego Grotão por Caetano RUA'WÉ, pai do atual cacique Damião PARIDZANÉ. MONIPÁ, em Xavante, quer dizer "o lugar onde tem muito inhame e cará nativo". Além de ser o nome da aldeia, era também o nome do córrego Grotão (ver mapa).

Fazendo parte desse mesmo processo, os Xavante tentaram fundar uma aldeia - É'NTÉ'PÔ - nas cabeceiras do córrego

Paulo

Azulona, por eles chamado também de É'NTÉ'PÔ. As cabeceiras do Azulona (afluente do rio Xavantinho) aproximam-se bastante das cabeceiras do Grotão. Contudo, posseiros e fazendeiros já dominavam esse lugar, não tendo sido possível fundá-la.

Foi em MONIPÁ que Caetano RUA'WE teve o primeiro contato com Ariosto da Riva, através de uma proposta transmitida a ele por Tibúrcio, o então cacique de IRE'PA. O território Xavante encontrava-se já bastante invadido e diminuído, era o fim da década de 50, começo da década de 60. Ariosto da Riva começava a implantar a fazenda SUIÁ-MISEÚ, a maior fazenda da região.

Os índios viam-se cercados por todos os lados, em uma encruzilhada histórica, tendo que tomar decisões que afetariam todo o seu futuro. Acima de tudo, havia o medo frente a uma nova realidade diante da qual muitas vezes sentiam-se impotentes. A grande questão que se colocou para eles, na pessoa de Ariosto da Riva, um mero representante de uma nova forma de pensamento que chegava para mudar o destino Xavante, foi a seguinte: tinham eles que decidir entre ficar isolados e enfrentar o inimigo ou estabelecer relações pacíficas que implicariam em concessões desvantajosas. Ou seja, tiveram que decidir entre a guerra e a aliança.

Muitas vezes em seu passado, os guerreiros Xavante haviam optado pela guerra, mantendo-se senhores absolutos de seu território. Dessa vez, contudo, o inimigo era diferente, desconhecido, poderoso. A guerra seria o suicídio, e eles sabiam disso. Forçados pelos acontecimentos, mas não sem prever lucidamente o que viria, decidiram partir para a aliança, cedendo à proposta de Ariosto da Riva, que os convidara a fundar uma nova aldeia perto da sede da fazenda, de onde seria bem mais fácil controlá-los e explorá-

BTB

los.

A nova aldeia foi fundada a cerca de 2 km da sede, no local por eles chamado WEDE'OMO'RE, que é o nome de um espinho vermelho que existe em grande quantidade no lugar. A história da transferência para WEDE'OMO'RE, narrada com os detalhes das dúvidas por que passou a comunidade, foi contada por Tibúrcio, traduzido por Paulo, e por Damião, que presenciou todos esses fatos. Paulo traduziu a fala de Tibúrcio:

"O Tibúrcio estava contando história dele, de quando entrou o primeiro contato com Ariosto. Tanto como o pai do Damião que fundou aldeia no MONIPÁ, naquele tempo não tinha nenhuma ferramenta nem nada, fizeram com a mão a pista para o Ariosto aterrisar no campo. Quando o Caetano, que é o pai do Damião, fundou, Ariosto teve trato com o pessoal se alguém sabia falar português. Tibúrcio entendia pouco também o português. Disse que Ariosto falou para ele :-"será que tem alguém que sabe falar o português? quero fazer um trato com vocês e mandar ferramenta para vocês, mandar alimento para vocês se alimentarem, arroz, farinha" e tudo isso, mas ninguém sabia que esse era em troca de terra. Ninguém cismava disso. Ele pensava que para eles era importante a ajuda de Ariosto, para eles manterem o lugar para sempre. Depois que surgiu esse caso, que o Ariosto começou a mandar os peões dele para fazer picada, ninguém sabia, mas assim mesmo o pessoal ficou desconfiado e nem sabia o que fazer. O Tibúrcio estava de proposta de mantimento para que o Ariosto fizesse isso aí para o pessoal ficar aqui, definido para manter aldeia. Assim mesmo, o pessoal confiava nele. O pessoal pensava que era uma pessoa de confiança. (...) Depois que foi feita a pista aqui da sede da Suiá-Missú, Ariosto convidou e o Tibúrcio veio daquela aldeia na primeira pista que fizeram; de lá ele veio até aqui na sede para saber o motivo, como que vai ser o trato com o pessoal. Ele encontrou com Ariosto aqui e combinou que poderia mudar de lá para morar, ser vizinho da sede, chamado WE'DE'OMO'RE. Ele perguntou para o Tibúrcio :-"escuta, Tibúrcio, você fala para o seu tio, que é o chefe, você fala para o Caetano se ele entra de acordo para mudar para cá, eu mandarei um trator e um caminhão para deslocar. (...) O Caetano, depois que o Tibúrcio foi encontrar com o tio dele, contou se entrasse de acordo. "Tudo bem, nós vamos lá, ser vizinhos da sede, eu estou de acordo com isso". Então, o pessoal veio até aqui no WE'DE'OMO'RE para morar aqui perto da sede.

[Handwritten signature]

Ninguém sabia ... o morador, que era chamado Agostinho, também já tinha bastante pessoal aqui na fazenda, os posseiros, peão que já trabalhava. Mas assim mesmo, no primeiro dia que o pessoal teve contato aqui na sede, no campo de aviação, já tudo feito, o Ariosto tinha um plano para o pessoal trabalhar na roça. O pessoal ficou de acordo. Todo esse pasto que ficou primeiro, do lado de cá, era os índios que fizeram isso aí. Também eles não sabiam se era para pagar ou não. O pessoal entrou para fazer essa grande roça para o Ariosto. Ele fez essa proposta com ele, mas tudo em troca de mantimento e comida, para eles tomarem conta das terras indígenas. Ninguém sabia que era para sair daqui."

Contudo, a transferência não se deu tão pacificamente assim. Caetano relutou em sair de sua aldeia, houve muita discussão e ponderação antes de tomar a decisão. Quando foram para WE'DE'OMO RE, todos os Xavante dispersos em outras aldeias foram também, porque muitos pensavam que assim estariam mais seguros, ou seja, aceitando a proposta de Ariosto. Tibúrcio veio com seu grupo de IRE'PA e Caetano, de MONIPÁ. Damião narra as ponderações de seu pai:

"Ariosto combinou, mandando recado para meu pai, para o Tibúrcio levar recado do Ariosto, né. Mesmo quando ele deu o recado do Ariosto para o meu pai, o Tibúrcio que deu, né? ele contou que o Ariosto pediu para trazer para cá a turma, os índios, para fundar aldeia aqui, perto da sede da Suiá. Quando ele estava contando isso, para o tio, primeira palavra que falou para ele :-"tio, Ariosto mandou recado, agora eu vou contar". Meu pai perguntou, ele respondeu :-"o Ariosto pediu para você mudar para lá, criar aldeia, onde que tem um braço de rio, onde tem WE'DE'OMO'RE". Meu pai respondeu :-"olha sobrinho, eu estou desconfiado". Meu pai não sabia de nada, não sabia ler, nem tinha conhecimento do branco, mas estava desconfiado :-"olha Tibúrcio, se nós mudarmos, nunca que eu vou parar, onde que eu vou localizar? se eu vou mudar para lá, amanhã ou depois vai acontecer - índio pode ir embora. De longe, afasta da sede. (...) Meu pai percebeu tudo, mas ninguém ouviu ele. Mas ele percebeu a consciência do Ariosto. Aí ele (Tibúrcio) falou para eles :-"olha, tio, você que pensa, que resolve. Vamos mudar". (O Caetano) :-"tá bom, depois não te arrepende", falou desse jeito. -"Depois eu vou arrepender e depois você se arrepende", falou para o Tibúrcio. -"O branco não pára. Acho que quer criar alguma coisa, prejudicar alguma

coisa, isso que é o meu futuro. Eu quero ficar continuando". Mas quando eles transmitiram, deram recado para todo mundo, alguns não quiseram sair de lá para mudar aqui no WE'DE'OMO'RE. Meu pai também não quis, porque ele já viu de longe, enxergando que o ... percebeu tudo. Por último, alguns falaram com meu pai :-"vamos mudar, vamos mudar, senão branco mata tudo nós, vamos mudar para lá". (...) Estavam com medo. Depois que meu pai fundou esse MONIPÁ, aí morreram logo que Ariosto fez contato com meu pai. Meu primo com o Tibúrcio, primo nosso, né, aí mataram, um branco lá no WE'DE'OMO'RE. Era meu cunhado. Por isso que o pessoal não queria ficar, não acredita, não cumpre o que o cacique falando. Aí todo mundo concordou, e mudaram. Meu pai falou :-"então, está bom, vamos mudar, fundar aldeia perto da sede".

Decidiram então, todos, mudar para WE'DE'OMO'RE. Chegando lá, os Xavante tiveram que trabalhar no desmatamento para limpar a futura pista de pouso de avião. Na nova aldeia, Caetano RUA'WÉ, mesmo tendo fundado WE'DE'OMO'RE, passou a liderança para Tibúrcio. A partir daí, Tibúrcio tornou-se o Cacique geral do povo de MĀRĀIWATSĒDE. Damião continua narrando :

"(...) olha, foi trabalhando como empregado, como escravo, morreu muita gente. Trabalhando sem receber dinheiro, sem ganhar nada, sem assistência de saúde nenhuma. (O Ariosto) só dando comida, arroz limpo. Não é arroz inteiro, é quebradinho. Aí fizeram roça, abriram esse campo, a pista da sede, abriram lá no picada, tiraram madeira, puxaram com caminhão; (...) tudo esparramado, trabalhando."

Além da pista de pouso situada em frente à sede da fazenda, os Xavante também trabalharam em uma segunda pista que foi aberta em plena mata, a aproximadamente 10 km da sede, ajudando a desmatar, arrancar as raízes do chão, transportar a madeira retirada.

Nessa aldeia, segundo Damião, não ficaram mais que três anos. A mudança para lá teria sido em 61 ou 62 (Raimundo Aleixo Borges, que presenciou a mudança, garante ter sido em 63 - cf.supra).

As pressões contra os Xavante foram aumentando a cada dia que passava, até chegar um momento insuportável, em que eles tiveram que decidir por mudar novamente, pois já não era possível continuar como vizinhos de Ariosto. Dessa vez, no entanto, Ariosto conseguiu transferi-los para fora dos limites da fazenda, em uma área que não oferecia condições de sobrevivência.

Os Xavante foram obrigados a mudar para o "Varjão", perto do rio Tapirapé, que forma as planícies do Araguaia, tendo suas terras oito meses por ano inundadas pelas águas do grande rio e seus afluentes. A nova aldeia viria a se chamar U'BRE'HÜ, que em Xavante quer dizer "cabaca", abundante no local, ficando no limite nordeste da fazenda. Damião continua contando, em depoimento importante, como foi que os índios foram obrigados a sair de WE'DE'OMO'RE, a 2 km da sede da fazenda, para U'BRE'HÜ, fora dos limites da SULÁ-MISSÓ e no varjão:

"Aí chegou outro comentário. Comentário do Ariosto. O gerente do Ariosto não gostava de índio. (...) O último gerente era Maurício. Não gostava. Logo que ele assumiu, queria mandar embora. Logo que assumiu, uns quinze dias depois, primeiro jogou para judiar o roça do índio. (...) (Jogou) o gado na roça. O segundo que eles fizeram foi cerca na beira da aldeia. (...) Para o índio não andar, bem cercado, depois que ele jogou o gado para acabar a roça do índio. Depois fizeram arame para cercar, para índio não passar na fazenda. Terceiro, chegou comentário. Aí Maurício já está andando com cavalo até lá na estrada da aldeia WE'DE'OMO'RE, logo dá na cerca, andando só armado. Falou com o encarregado, companheiro do Tibúrcio, que chamava-se Dario, o branco, empregado da sede; brigava para não tirar índio, chama-se Dario, encarregado dos empregados. (...) (Dario) estava a favor do índio. Quando ele ficou sozinho, contou, avisou Tibúrcio :- "Tibúrcio, o branco vai acabar com índio tudo, por isso que eu estou brigando, eu quase matei cara, eu quero morrer a favor do índio. Agora você pensa, pensa direito, eu quero que você retire índio daqui, foi Ariosto que autorizou gerente, que deu ordem para dar uma prensada, para ficar em cima do índio até sair. Foi Ariosto". O

BRP

índio não quis, o Tibúrcio não quis. Que aconteceu? (...) Ariosto pensou :-"agora eu vou jogar lá onde que é limite da fazenda, onde que tem varjão". (...) O Maurício sempre ficava em cima para sair, falando que vai acabar índio, ameaçando. Aí pessoal ficou desanimado, com medo também. Aí eles resolveram, pode ser quatro vezes que fizeram reunião no meio da comunidade, né; eles decidiram, porque o encarregado também estava em cima do Maurício para acabar esse conversa para acabar índio. Mas ele falava (o Maurício) :-"Dariozinho, Dario, eu vou matar você, se você enfrentar, se você é a favor do índio, eu vou matar aqui, por fora sua família". (...) (O Dario) com medo também. Dario pensou :-"eu estou sozinho, como que eu vou continuar a segurar os índios aqui?" eles combinaram e o Dario também participou no centro da aldeia. (...) Foi na reunião, três vezes, cinco vezes. Aí pessoal aceitou. Alguns falaram, meu pai não queria sair também, :-"deixa que eu vou ficar aqui, eu vou morrer aqui dentro. Não adianta fundar três aldeias daqui adiante". Aí a comunidade resolveu, mais o Dario. O Dario (...) arrumou um burrinho. Primeiro que ele pensou - tem que fazer roça, procurar adolescentes, os rapazes novos. Então, ele juntou grupo e foi na frente das mulheres. Aí fizeram a roça para não passar fome, as crianças. Então eles foram na frente. Quinze dias depois, a mulherada foi para lá, atrás, aí saiu todo mundo. (...) (Eu) já estava mocinho, assim. (...) O Dario arrumou burro para carregar comida para eles, para os trabalhadores, né; (...) aí mulherada foi, largaram muita coisa, milho, batata, abóbora, porque não tem jeito de carregar, não tem carro. Então eles levaram comida, largaram casa, mudaram para lá e ficou localizando lá. Fundaram aldeia. (...) Era ruim! cheio de água, no tempo da chuva é cheio de água; dormiu em cima da cama, mas água sempre subindo, e nem acende fogo, ninguém comia. (...) Tudo molhado!

Os Xavante estavam, então, sem condição alguma de sobreviver. Expulsos de sua terra de origem, foram jogados em um lugar onde sequer podiam dormir ou acender o fogo, pois a enchente do Araguaia inundava tudo. Como forma de "compensar" a expulsão da terra, Ariosto ainda chegou a mandar construir uma pista de avião nesse lugar, para onde levou, algumas vezes, mantimentos para os índios. Não chegaram a morar dois anos nesse lugar. A pista foi construída em um cerrado repleto de cascalho, também impossível de ser habitado ou fazer roças, perto de U'BRE'HÚ. Damião continua a história :

[Handwritten mark]

"quando encheu de água dentro da casa, eles foram para o campo de aviação que tem cascalho. Foi Tibúrcio que mandou fazer a pista no meio do cascalho. Fizeram e mudaram de novo. (...) Ariosto mandou a comida de avião. Repartiram. Aí começa dar tristeza, judiando ... e sofremos também. Nós, quando era pequeno, sofremos! passando fome, não tem campo, mata, mas só varjão. Só varjão mesmo. E cerrado de cascalho. (...) Assim que estou dando depoimento, porque eu lembro tudo. Por isso que até hoje estou lembrando, quero voltar para esse região de MARÁIWATSÉDE."

Nova mudança estava por vir. Fêce à situação de penúria que os índios estavam passando, Dario obteve de Ariosto a proposta de procurar um novo local para os índios morarem, fora da fazenda. Os índios estavam certos que a mudança seria para a região da antiga aldeia BO'U, que havia ficado fora dos limites da fazenda.

Contudo, em um acerto que envolveu os padres salesianos, funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), a Força Aérea Brasileira (FAB) e Ariosto da Riva, já estava decidido que aqueles Xavante seriam transferidos para a Missão Salesiana São Marcos, localizada a mais de 400 km de MARÁIWATSÉDE, em uma aldeia de outro sub-grupo Xavante. Não foram informados de nada, pelo contrário. Simplesmente foram pressionados a aceitar, sem alternativas, uma realidade incompatível com suas aspirações.

Depois de serem avisados que eles iriam mudar para um novo local, local esse que seria procurado por Tibúrcio e Dário de avião, a comunidade resolveu sair de U'BRE'HÚ, a pé, em uma longa e penosa jornada, e voltar para a sede da fazenda, de onde tomariam o avião que os levaria para esse novo lugar. Tibúrcio contou tudo o que passou naqueles dias, sendo traduzido por Paulo :

"(...) o Tibúrcio contou quando foram deslocados para São Marcos. Quando combinou com Dariozinho, ele perguntou para o Tibúrcio se poderia procurar uma terra para poder mudar de U'BRE'HÚ, para poder retornar para BU'U. O Tibúrcio ficou de acordo, "tudo bem, nós vamos, porque aqui não vai dar, o pessoal está com muita ameaça, ameaçando os índios aqui. Eu sozinho não dou conta para defender. Então é melhor nós procurarmos, ou talvez tenha algum lugar no campo, e a gente pode fazer aldeia fora da sede". Tibúrcio não sabia, nem ele não avisou que ia para São Marcos. Aí o avião deu vôo, saiu de Gorgulho (U'BRE'HÚ). (...) Ele entrou e ficou de acordo, sem saber de nada, que ia para São Marcos. Entrou no avião e o avião voou direto. (...) Primeiro foram só eles dois, (...) o Tibúrcio e o Dário. (...) O avião deu vôo, não sei, era mais ou menos 4 horas, de taderzinha, aterrisou em Merure. De Merure foram direto para São Marcos. De São Marcos, lá perguntaram para o Tibúrcio se ele gostou da Missão, para deslocar o pessoal de lá para cá. Tibúrcio ficou sem jeito, se podia vir ou não. Aí o pessoal, os padres, Padre Mario Panziera, que era diretor da Missão Salesiana em São Marcos, convidou o Tibúrcio se poderia vir. Que aconteceu? O Tibúrcio ficou sem jeito, mas assim mesmo entrou de acordo. Por que? porque os padres sabiam que o pessoal já estava com processo para ser expulso, além do Orlando Villas Boas. Orlando Villas Boas também exigiu para tirar o pessoal daqui. (...) O pessoal do SPI que fez o documento, foi eles que queriam que o pessoal fosse acabado aqui dentro, o Orlando Villas Boas. (...) O Orlando Villas Boas, aquele Ismael e o Chico Meireles. São esses a equipe que queria, que exigiu para acabar com índio. (...) Orlando Villas Boas veio aqui na sede, só ele, (...) conversar com Ariosto e com Tibúrcio. O Tibúrcio poderia tirar logo o pessoal para São Marcos. Então, ficou sem jeito. Como que ia dar força para o pessoal segurar aqui? ele também já estava com medo de não porder o pessoal aqui. (...) (O Chico Meireles) não veio, porque já estava combinado que vinha um; o Orlando que veio. (...) Não era como agora, que a FUNAI está tendo muito apoio para o índio. Mas tem alguns também que não é de confiança, nem dá para confiar. Naquele tempo do SPI, ninguém avisou, ninguém ficou a par para não sair, para não deslocar. Ninguém do SPI falou: "nós não devemos retirar os índios daqui. Tem que permanecer aqui". Ninguém ficou a favor. (...) Só o Dário que ficou apoiando."

Entre os padres salesianos, segundo Paulo, já havia um projeto em andamento do Padre Pedro Sbardellotto para fundar uma missão entre os índios de MARÄIWATSÉDE. Contudo, o que prevaleceu

Paulo

foi a decisão de transferir os Xavante, na época atendendo aos interesses de muitos. Paulo continua traduzindo Tibúrcio :

"esse padre, antes do Tibúrcio ir para lá, para São Marcos, esse padre Pedro também queria fundar a missão lá em BO'U. Já estava tudo com processo com o Inspetor, para fundar a Missão lá em BO'U, no centro. O padre Pedro também ficou sabendo na última hora que o pessoal já estava para ser deslocado para São Marcos. Ai entrou na Diretoria ou lá na Inspetoria e saiu de lá magoado, chorando, porque os índios iam ser expulsos de lá. O padre Pedro falou :-"se eu já entrei com todos os processos para fundar a missão, porque vocês querem retirar os índios de lá?". O que o pessoal respondeu? -"a ordem é essa, a ordem é para retirar até São Marcos. Ninguém vai passar em cima disso". Ai o padre Pedro ficou mais preocupado. Depois veio conversar com o padre Mario Pansiera. (...) Ele que convenceu também o padre Pedro. Padre Mário Pansiera. Então o padre Pedro foi também lá dentro :-"Padre Mário, como que ficou esse acordo?". (Mario) :-"o acordo que ficou é para retirar os índios de MARÁIWATSEDE". (Pedro) :-"e por que vocês fizeram isso, se vocês já tinham entrado de acordo, por que vocês não me avisaram antes disso? o que foi feito, tudo bem, eu não vou te falar nada agora. Você é diretor daqui, eu não vou convencer você, mas eu vou te falar - se algum dia, ou talvez depois, se você está deslocando esse pessoal, um dia você vai se arrepender. Alguém se prepare para esse retorno, pode não ser agora, mas vai acontecer. Depois vai se arrepender". Padre Pedro disse. Falou isso para o Mario e é o que está acontecendo agora."

Uma reunião foi feita entre a comunidade quando Tibúrcio retornou da Missão. Depois de muitas discussões, novamente decidiram mudar, sem saber o que os esperava. O importante, àquela altura, era sair do varjão inundado, onde morreriam de fome. A mudança foi feita em um avião da Força Aérea Brasileira (FAB), no ano de 1966:

"Tibúrcio voltou para combinar com o pessoal se podia deslocar para São Marcos. (...) Ele não sabia o que ia acontecer. Os velhos se reuniram, alguns não queriam ir, alguns queriam ir para lá. Como o pai dele, o pai do Damião, ele não queria que retirasse o pessoal de lá. Queria ficar, porque ele sabia que ia acontecer alguma coisa de doença. Então, o que aconteceu? o pessoal veio de lá do U'BRÉ'HÚ para cá (a sede) ainda de a pé, aqui no

2027

campo de pouso. (...) Vieram a pé para cá, para pegar o avião. As pessoas ficaram de acordo, todo mundo entrou de acordo sem boa vontade. Depois que chegou em São Marcos, como que ele estava contando, não teve nem um ano para aparecer doença que aconteceu. Depois que chegou aqui, com dois dias o pessoal já estava de sarampo. Quando chegou em São Marcos. (...) Morreu muito ... morreu, morreu bastante. Adultos, velhos ..."

Damião, a essa altura bastante emocionado por recordar tantos momentos difíceis, passa a contar a história que ele próprio viveu :

"(...) cento e sessenta. O padre Pedro falou cento e pouco; Mestre Mario (outro padre) falou em Cuiabá também que foi cento e cinquenta. (...) Cento e cinquenta morreram ... o padre me falou cento e sessenta. Meu pai, logo que chegou, pegou a doença e ficou sofrendo dois dias, (...) de sarampo. Aí começou de morrer muitos. Meu pai morreu dois dias depois. Daí começou, noite toda, dia todo ... carregaram de carroceria de trator, levaram no cemitério para enterrar. Noite toda, dia todo. Crianças morrendo todas. No mesmo dia; nem passou 15 dias! (...) morre, mas junta; trator encosta e padre manda : "encosta lá, lá está morrendo já". Aí gente botando em cima da carroceria e levando onde que tem cemitério. (...) Está tudo enterrado lá em São Marcos. (...) (Escapou) pouca gente".

Como se não bastasse essa tragédia que marcou profundamente os sobreviventes até os dias de hoje, passados vinte e cinco anos da saída de MARÄIWATSÉDE, quatro crianças Xavante desapareceram naquela ocasião, sendo que uma delas era prima de Paulo. Segundo Damião:

"(...) Sumiram ... levaram três crianças, mandaram três crianças - pode ser a freira ... a irmã, o padre que resolveu; mandaram quatro, sumiu três crianças ... quatro, foi quatro. (...) Não sei, acho que (foram para) Campo Grande. (...) Foi padre que liberou para levar menino. (...) Morreu meu irmão também, junto com meu pai. (...) Ninguém (cuidou), só enfermeira, freira da Missão. Aí o padre pensou para pedir um médico de São Paulo, aí veio. Aí cada vez pouco sarando, né. Mas cada de

dup

carroceria foi carregando, noite toda, dia todo, levando para enterrar lá no cemitério. Isso que dá tristeza! quando lembro assim, à noite, ainda incomoda muito ... por que que morreu muita gente? por que que um pouco que está recuperando? é sério, sabe, o que estou lembrando ... ! Meu pai chegou na Missão bem de saúde, meu irmão chegou bem de saúde! depois de um dia pegou doença e morreu em dois dias ..."

Após esse processo de extrema violência a que foram submetidos, sofrendo um verdadeiro genocídio, além da fome e da expulsão da terra ancestral, entre outras coisas, foi impossível o grupo se manter unido nos primeiros anos após a mudança para São Marcos. Desestruturados politicamente, pois vários líderes haviam morrido, e fora de suas aldeias, a tendência era a dispersão.

Dividiram-se em vários grupos que se espalharam por outras aldeias Xavante, vivendo sempre em terra "emprestada" pelos "parentes". Até hoje encontram-se nessa situação. Água Branca, a aldeia em que muitos se reencontraram após anos de separação, e onde vivem atualmente, é parte da Área Indígena Pimentel Barbosa, "terra dos outros", apesar de ser área Xavante.

Pouco tempo depois da mudança para São Marcos, Ariosto da Riva chegou a mandar, uma única vez, um motorista levar mantimentos e um trator para os índios, deixando os bens sob domínio dos padres salesianos.

Logo em 1967, Damião e alguns parentes mais próximos mudaram para a Área Indígena Couto de Magalhães. Segundo Ismael Leitão, encarregado do Posto Indígena Pimentel Barbosa, (em depoimento prestado à antropóloga Lara Ferraz, cf. supra), após a mortandade causada pelo sarampo na Missão São Marcos, "eles ficaram apavorados e foram lá pro Couto Magalhães". Paulo permaneceu por

69

quinze anos na Missão São Marcos. A mãe de Damião mudou para Couto Magalhães apenas em 1971. Alguns anos depois, Damião encontrou Tibúrcio, Raul e vários primos em Couto. Dividiram-se e alguns ficaram em São Marcos, outros foram para Sangradouro, aldeia São José, Areões e Culuene.

No começo dos anos 80, seguindo uma tendência normal em aldeias Xavante onde se juntam grupos políticos de origens diferentes, houve um desentendimento entre os Xavante de MARÄIWATSÉDE e os de Couto Magalhães. Damião chegou a obter, nessa época, apoio de alguns funcionários da FUNAI para retornar a MARÄIWATSÉDE, objetivo esse nunca abandonado por eles. Durante todos esses anos, seja isoladamente ou em grupos pequenos, os índios voltaram anualmente a MARÄIWATSÉDE para visitar as aldeias e cemitérios antigos, nunca deixando de reivindicar o retorno.

O retorno a MARÄIWATSÉDE, nessa primeira tentativa da FUNAI, em 1981, aproximadamente, não se concretizou porque os Xavante não conseguiram se mobilizar, devido à grande dispersão do grupo. Damião foi para a Área Indígena Areões em 1982.

Finalmente, em 1984, formaram a aldeia Água Branca, situada em uma área maior. Após muitos anos de separação, aglutinaram-se em Água Branca somente os índios de MARÄIWATSÉDE. Mesmo assim, calcula-se que atualmente metade do grupo está disperso em outras aldeias, totalizando cerca de 700 pessoas. Sabe-se, contudo, que os outros estão dispostos a juntarem-se aos de Água Branca, pretendendo retornar para MARÄIWATSÉDE.

Apesar da atual aldeia onde vivem estar em uma área de grandes dimensões, a caça está rareando cada vez mais. Também o peixe é encontrado em pouca quantidade. Não encontram mais pequi.

~~101~~

frutas do cerrado, inhame, cará, integrantes da dieta Xavante. Falta lá também o UB'NHIA'TSI'PRE, ou seja, uma árvore chamada "patí", cuja madeira é ideal para a produção de arcos e flechas, apreciadíssima por eles. Aves como o gavião, do qual tiram penas para a confecção de importantes objetos e enfeites rituais, não são mais encontradas em Água Branca, entre outras.

Muito diferente é a situação de MARÁIWATSÉDE, onde tudo isso ainda existe em abundância, conforme é relatado em outra parte do relatório. Finalizando, um trecho do depoimento de Damião PARIDZANÉ :

"(...) (em Água Branca) é mais difícil, não tem caça, não tem inhame, não tem pequi, não tem patí, não tem mata para produzir. Lá é só cerrado, campo de cerrado plano, não é bom para a gente ficar. Até hoje nós estamos aqui, acho que nós vamos passar dificuldade, passar fome, porque lá a mata é pouquinho, já está acabando. Por isso, nós não é hoje que estamos pedindo MARÁIWATSÉDE. Sempre! nunca esquecemos, porque aqui é terra sagrada, terra que dá produção, tem mata, tem caça, tem tudo. A gente hoje ... o interesse nosso, o meu interesse é voltar aqui".

[Handwritten mark]

6. A IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA

A. Introdução

Os trabalhos foram efetuados no período de 10 a 24 de fevereiro de 1992, incluídos os dias de deslocamento para a área e retorno a Brasília. A primeira etapa da viagem foi uma reunião entre os membros do grupo de trabalho e a comunidade Xavante, realizada na tarde do dia 11.02.92, na aldeia Água Branca.

As lideranças apresentaram-se através do característico discurso formal Xavante, para em seguida indagar ao grupo qual seria a sua postura e como seria realizada a pesquisa. Após todos os esclarecimentos necessários, o grupo seguiu para MARÂIWATSEDE acompanhado de quinze Xavante, escolhidos entre os mais capazes para o reconhecimento e identificação da área.

Os Xavante mostraram-se profundos conhecedores da região, chegando a reconhecer mínimos detalhes. A equipe percorreu a área identificada, empreendendo longas viagens diárias, juntamente com os Xavante, indo a todos os locais cujo acesso era possível. Foi preciso levar em consideração as condições climáticas da época, justamente o auge do período chuvoso da região centro-oeste.

Algumas estradas estavam intransitáveis e lugares próximos das margens dos rios, como o Xavantinho, muitas vezes

[Handwritten mark]

eram inacessíveis, face às inundações típicas da época. Contudo, mesmo com certas limitações, foi possível percorrer os mais importantes pontos da área, principalmente os locais das aldeias e cemitérios antigos, além da área reservada às atividades de caça, pesca, coleta de frutos e material para confecção de artefatos.

Fundamental para a compreensão da situação da área foi a imagem de satélite da região cedida pela AGIP do Brasil. Em poder da foto de satélite, datada de 1991, a equipe pode visualizar o grau de desmatamento e ocupação atualmente existente na área. Esses dados foram levados ao conhecimento dos Xavante, contribuindo decisivamente para a definição dos limites, quando então foram considerados os seguintes critérios:

- a ocupação tradicional da terra;
- a área necessária para a sobrevivência física e cultural do grupo;
- a situação ambiental e fundiária atual da área.

Esse último fator teve grande peso na discussão dos limites, estando os Xavante bastante conscientes das alterações que o território tradicional sofreu com a chegada da frente de expansão nacional. Procurou-se definir uma área em que sítios culturais importantes, com os quais os Xavante mantêm ainda forte ligação, fossem incluídos dentro dos limites. A intenção desses, inclusive, é retornar para o mesmo local de certas aldeias antigas de especial importância, como BO'U. Mesmo assim, algumas aldeias e cemitérios antigos foram deixados de fora dos limites pelos Xavante, após constatarem a situação atual de ocupação da área por não-índios.

O território economicamente utilizável também

Handwritten mark

muitas das quais estão hoje totalmente degradadas, com a mata retomando o lugar. O que pudemos ver coincidiu quase totalmente com o que já mostrava a foto de satélite, pois do ano passado para cá novos desmatamentos foram feitos pelo Grupo Garavello e Romão Flor.

Durante a viagem, os índios cantaram diversas músicas relacionadas com a última cerimônia de furação de orelhas realizada em BO'U.

Visitamos a sede da madeireira Mata Verde, de propriedade do Grupo Garavello, ao norte da fazenda SUIÁ-MISSÓ. Essa área, junto com a parte de Romão Flor, era da fazenda SUIÁ até 89, conforme histórico anterior. Era a parte intocada da fazenda que, no entanto, vem sofrendo considerável desmatamento para a implantação de projeto pecuário. A fazenda de Romão Flor (limitrofe da SUIÁ) já teve 15.000 ha desmatados e tem atualmente 20.000 cabeças de gado, conforme informações do Administrador de Serviços, Josias Ribeiro de Araújo. As atividades da fazenda são a criação de gado e a venda de madeiras, o mesmo por parte da fazenda do Grupo Garavello.

Junto com os Xavante, pudemos ver grande parte da área desmatada, uma vez que concentrava-se nas margens da estrada.

Com o Administrador Geral da Garavello no Mato Grosso, José Antônio de Souza, obtivemos a informação, já confirmada pela imagem de satélite, que a área que faz limite com a fazenda da Garavello, a nordeste, hoje está tomada por posseiros. É justamente o local de varjão no Tapirapé para onde os índios foram transferidos por Ariosto da Riva, onde fundaram a aldeia U'BRE'HÚ.

O Administrador Geral disse que naquela região todos os moradores sabem da existência de uma antiga aldeia dos índios

[Handwritten mark]

teve seus limites criteriosamente estudados, considerando-se os fatores mencionados anteriormente. Incluiu-se na área indígena apenas a parte da fazenda SUIÁ-MISSÚ ainda não desmatada, inclusive alguns pastos degradados, onde a mata está se recuperando. Essa área da fazenda não desmatada, região das matas da Serra do Roncador, é particularmente rica em caça, peixes e produtos coletáveis.

Ficou fora dos limites da fazenda, porém dentro da área indígena, uma área já ocupada há aproximadamente 30 anos por alguns posseiros e pequenos proprietários. A característica principal dessa parte (e a porção sudeste da fazenda, contígua a essa parte) é ser constituída por cerrado, exatamente o local onde os Xavante construíam as suas aldeias. Nesse lado, justamente, localiza-se a maior parte dos locais de antigas aldeias e cemitérios visitados pelo grupo. Os locais de aldeias antigas que ficaram de fora da delimitação também situam-se no cerrado.

Cabe aqui caracterizar parte da situação atual da fazenda SUIÁ-MISSÚ. Atualmente, a fazenda tem uma área de 232 mil hectares, aproximadamente metade de sua área anterior, pois vendeu outros 240 mil hectares em 1989 (180 mil ha ao grupo GARAVELLO e 60 mil ha a Romão Flor). Dos 232 mil ha atuais, 108 mil ha estão desmatados, dos quais 50 mil são pastagens (em grande parte degradadas). A fazenda emprega cerca de 70 pessoas e tem um rebanho de gado bovino de 32 mil cabeças, número este bastante inferior às 100 mil cabeças existentes em 1985, destinadas à cria, recria e abate (dados retirados do "DOSSIER 1, Brasil : Responsabilidades Italianas na Amazônia", 1990, da parte escrita por Iara Ferraz, anexa ao relatório).

[Handwritten mark]

A venda de grande parte da fazenda e a drástica diminuição do rebanho bovino, ainda segundo Iara Ferraz, inserem-se num contexto maior de falência do modelo de desenvolvimento seguido não só pela fazenda SUIÁ-MISSÚ, mas por todas as fazendas da região, "baseado nos incentivos fiscais e financeiros à atividade pecuária com produção destinada à exportação. Este foi o modelo responsável pela maior parte dos desmatamentos e da degradação ambiental verificados nesta porção da Amazônia, que promoveu uma concentração fundiária ainda mais acentuada e que se contrapôs, portanto, à reforma agrária e à produção de alimentos voltada para o abastecimento interno do Brasil" (Ferraz, 1990, op. cit.).

Por outro lado, sérios problemas como pragas típicas da região, erosão do solo e ausência de infraestrutura permanente na região (estradas em péssimo estado de conservação, situação essa agravada na estação das chuvas) acabaram por tornar altíssimos os investimentos necessários na manutenção dos pastos ou para o transporte do gado para abate, não havendo o retorno esperado. Esses fatores contribuíram para a "decadência" visível da SUIÁ-MISSÚ nos dias atuais, adquirida pela AGIP Petroli, com cerca de 500 mil ha, em 1981 (In "Dossier 1, Brasil : Responsabilidades Italianas na Amazônia", op. cit.).

Devido às condições climáticas da região, não foi possível terminar o levantamento fundiário apenas iniciado pela equipe.

Ao fim do presente capítulo serão discutidos os critérios práticos e históricos de escolha de cada limite da área.

AGIP

B. A pesquisa de campo

Após dias de viagem por estradas em péssimas condições, a pesquisa de campo efetiva começou no dia 14.02.92. Segue-se o relato dos locais visitados e a sua importância em termos de referencial histórico, e utilização econômica para os índios. Todos os locais importantes mencionados, como rios, estradas ou aldeias antigas, estão localizados no mapa anexo.

- DIA 14

O primeiro lugar indicado pelos índios para que o grupo o visitasse foi a região das aldeias antigas, no cerrado, fora dos limites da fazenda SUIÁ-MISSÓ. Essa foi também a região mais visitada pelo grupo, que retornou às antigas aldeias várias vezes, por ser um local de especial importância para os índios e para definir com precisão o que exatamente ficaria dentro ou fora dos limites, já que a área encontrava-se ocupada por alguns posseiros e fazendeiros.

O caminho percorrido foi da sede da fazenda à região da aldeia BOÍU, pela estrada que vai para Serra Nova. Primeiramente tinha-se que andar pela BR 242, que é a estrada que vai para São Félix do Araguaia, até Alto da Boa Vista, em um dos limites leste da fazenda SUIÁ. Alto da Boa Vista é a sede do recém-criado município, que leva o mesmo nome da cidade (plebiscito em novembro de 1991), desmembrado de São Félix do Araguaia. A partir dessa cidade, entramos na estrada que vai para Serra Nova, abandonando a BR 242. A característica principal dessa estrada é passar pelas cabeceiras de

vários formadores do rio Xavantinho.

O reconhecimento do território pelos Xavante, contudo, começou assim que saímos da sede da fazenda. Antes de chegarmos a Alto da Boa Vista, a 8 km apenas da sede da fazenda, encontramos o córrego Grotão, importante rio que é atravessado pela BR 242. Chamado pelos índios de MONIPÁ, chegou a ter uma aldeia fundada em suas cabeceiras pelo pai de Damião, antes da chegada de Ariosto (cf. supra).

Durante a viagem, Tibúrcio, principalmente, foi relatando fatos importantes que estavam associados aos locais que passávamos. O córrego MONIPÁ era um dos lugares onde os homens Xavante começavam a se pintar para participar de corridas de tora, característica cultural central do povo Xavante, correndo do córrego até a aldeia WE'DE'OMO'RE, aquela que ficava a dois km da sede da fazenda (a história das aldeias e o significado dos nomes Xavante já foram mencionados em capítulo anterior). Era Tibúrcio o cacique naquele tempo, sendo ele quem autorizava o início das corridas de tora de buriti no córrego Grotão.

Em frente a Alto da Boa Vista, passamos por uma mata ainda conservada, que Tibúrcio contou ser um lugar onde tinha muito pequi antigamente; era o lugar onde as mulheres costumavam pegar o pequi, chamado por eles de TSI'NÕ.

A cidade, ainda pequena, foi construída na região do cerrado, perto do início da Serra do Roncador, onde a vegetação passa a ser de mata. A região de cerrado ao redor de onde hoje existe a cidade é chamada pelos Xavante de NÃ'DZA'TSÉ.

Em NÃ'DZA'TSÉ, no mês de agosto, os índios

costumavam fazer um círculo de fogo em pleno cerrado, concentrando a caça para melhor abatê-la e afastando o perigo das cobras. MÃ'DZA'TSÉ é "o local onde as emas eram abundantes". Os Xavante chegaram a planejar a fundação de uma aldeia nesse lugar, onde o pai e a mãe de Paulo criavam e domesticavam emas, a ponto das emas acompanharem os índios nas caçadas em que utilizavam a técnica do fogo. Contudo, eles resolveram fundar a nova aldeia em WE'DE'OMO'RE, porque ficava próximo ao campo de aviação e à sede da fazenda de Ariosto, conforme foi relatado em capítulo anterior. As emas domesticaram-se a tal ponto que viviam junto com as pessoas nas aldeias. Quando os índios tiveram que mudar para WE'DE'OMO'RE, as emas não conseguiram acompanhá-los, pois já estavam "preguiçosas", mansas demais e ficaram em MÃ'DZA'TSÉ.

A lembrança dessa história é o referencial principal desse lugar, modo pelo qual os Xavante identificam aquela área. Percorrer o espaço tradicional Xavante muitas vezes é percorrer também a história, pois os nomes traduzem o passado e o conhecimento apurado das especificidades de cada lugar.

Depois de Alto da Boa Vista, entramos na estrada que vai para a cidade de Serra Nova. Tibúrcio lembrou que aquela região era onde os índios da aldeia IRE'PA (entre o Alto da Boa Vista e o rio Xavantinho) costumavam andar e acampar em suas caçadas. O córrego chamado pelos "brancos" de "Estiva" é, em Xavante, NÔRO'HO'TSU'RARE, ou seja, "o local onde havia muito uma espécie de planta para fazer embira para arco", (que só serve para arco). Os índios de IRE'PA sempre acampavam em NÔRO'HO'TSU'RARE, ou córrego Estiva, para retirar essa embira apreciada.

Continuando a viagem, passamos por um dos braços do córrego Estiva, que em Xavante tem o nome PE'U'TSÉ. É o nome

de um tipo de peixe encontrado lá, um "lambari" de tamanho maior.

Afluente do córrego Gameleira, um importante formador do rio Xavantinho, o córrego Azulona foi o próximo a ser cruzado durante a viagem. Antes de fundarem MONIPÁ, no córrego Brotão, os índios tentaram fundar uma aldeia - É'NTÉ'PÔ - nas cabeceiras do Azulona, tentativa frustrada devido ao avanço dos primeiros moradores não-índios. Chama-se em Xavante U'BRĂ'TĂN'BU'WA'WÉ. Foi nas margens desse córrego que faleceu o pai do Tibúrcio, há muitos anos atrás.

Passamos então pelo córrego Gameleira, afluente do rio Xavantinho, chamado pelos índios de U'B'NTSIPA. Patí, árvore cuja madeira é apreciadíssima por eles para a confecção do arco e flecha, chama-se, em Xavante, UB'NHIA'TSI'PRE. O nome do rio, então, U'B'NTSIPA, quer dizer "o rio onde tem muito Patí".

O braço do Gameleira que veio logo a seguir é conhecido na região como córrego da Grotá. Em Xavante, leva o nome de WE'DE'TSE'IPA, que vem a ser o nome de uma fruta nativa considerada muito gostosa por eles e que existia nesse lugar.

Na altura de um dos afluentes do córrego Jaraguá, conhecido como WA'BU'NĂU'BA, abandonamos a estrada para Serra Nova para entrarmos em estradas vicinais, em direção à antiga aldeia BO'U, situada às margens de uma cabeceira do rio Xavantinho, em local hoje ocupado por uma fazenda de 50 alqueires - Sítio São Sebastião.

WA'BU'NĂU'BA significa "buritizal", "lugar de muito buriti". O rio teve esse nome porque em determinado ponto, há muito tempo atrás, os Xavante fizeram uma ponte com tora e palha de buriti.

Chegamos finalmente a BO'U. Para surpresa e

Handwritten mark

muita tristeza dos Xavante, parte do cemitério de BO'U foi destruída recentemente pela implantação de um pasto pelos novos moradores. O mais velho que acompanhava o grupo, Davi, sogro de Tibúrcio, não aguentou a emoção ao rever o cemitério onde foram enterrados muitos de seus parentes e chorou na forma tradicional Xavante por longo tempo. A visita a BO'U e ao cemitério foi marcada por um forte envolvimento emocional dos Xavante.

Tibúrcio, que também chorou lembrando do passado tão próximo, falou do sofrimento e saudade que todos eles estavam sentindo ao visitar a velha aldeia. Lembravam dos muitos que morreram em conflitos com os "brancos" e que foram ali enterrados.

Tibúrcio e Damião, entre muitos outros, nasceram em BO'U. Ainda existem hoje os pés de urucum, pequi, goiaba etc que faziam parte da aldeia. O lugar da aldeia está hoje tomado por uma mata de cerrado, mas conserva muitas das árvores que os Xavante plantaram.

Damião lembrou de quando brincava, nadava no Xavantinho, matava passarinho. Disse que o velho Davi passou a sua cerimônia de furação de orelhas em BO'U. Todos tinham histórias para lembrar, fatos que ligavam a existência e o passado de cada um a BO'U.

Após reviver o passado, Damião comunicou aos moradores que se encontravam a cerca de 100 metros da aldeia antiga que não queria que desmatassem o que ainda tinha sobrado, que não era para destruir mais o cemitério. Os moradores, que confirmaram saber da existência de aldeias Xavante por toda aquela região, prometeram aos Xavante não mais destruir o pouco que sobrou de seu passado.

Na volta para a sede da fazenda, em meio a brincadeiras que exprimiam uma retórica de violência e agressividade

típica Xavante, Tibúrcio falava que a terra era deles, que iriam voltar para lá, compensando através do discurso a realidade dos novos tempos.

- DIA 15

Saímos da sede da fazenda na direção oposta ao caminho percorrido no dia anterior. Pela BR 242, fomos até o lugar chamado Posto da Mata, que é exatamente o ponto de cruzamento entre a BR 242, de sentido leste-oeste, e a BR 158, de sentido norte-sul, as duas estradas mais importantes dessa região do Mato Grosso. O Posto da Mata é quase o centro geográfico da fazenda SUIÁ-MISSÚ atualmente, após a venda de metade da sua área. Seguimos então do Posto da Mata pela BR 158, rumo ao norte, até passarmos pela divisa da SUIÁ e entrarmos nas terras de Romão Flor e, depois, do Grupo Garavello.

Pouco depois da sede da SUIÁ, passamos pelo córrego Três Pontes, chamado pelos Xavante de U'HO'TSIRE'TIPA, ou seja, "córrego com muito jacaré".

É bom lembrar que a sede da fazenda SUIÁ encontra-se no limite entre a vegetação de cerrado e o início das matas da Serra do Roncador. Isso quer dizer que a viagem feita para o lado oeste da sede teve o objetivo de verificar "in loco" os desmatamentos e ocupação da área, já que nessa direção iríamos encontrar apenas o que sobrou das matas nativas utilizadas para caça e coleta, pois a região das aldeias é o cerrado, a leste da sede da fazenda.

Os desmatamentos estão mais concentrados na margem das estradas, onde a fazenda SUIÁ abriu enormes pastagens,

ATA

Xavante, mas que nessa época do ano seria impossível chegarmos lá, por estar a região de varjão inundada.

Aos dois administradores, que estavam na madeireira Mata Verde, Damião, Tibúrcio e alguns outros lembraram que a terra não deve ser desmatada, sob pena de acabarem os peixes, os animais, as plantas, tudo. Damião, emocionado, disse :

" (...) desde pequeno, já andei muito nessa região. Então, até hoje eu já lembrei e sente a saudade. (...) Nós queremos ganhar pedaço da área, devolver a terra nossa. Meu pai foi morrido fora da SUIÁ-MISSÚ. Morreu e enterraram fora de nossa área, porque área não é dos outros, área não é de quem veio de fora, área é nossa. Não adianta o branco, o fazendeiro, falar : "isso aí não é terra do índio não, isso aí é terra nossa". Somos habitantes, somos os primeiros dessa região de SUIÁ-MISSÚ. Não adianta a gente defender para deixar para eles. Nem pode procurar conflito contra o índio não. (...) Nós já sofremos muito e já morreu muita gente. Trezentos e pouco foi morrido. (...) O território nosso já foi acabado, cada vez ano. Quem está acabando? mexendo na terra dos outros, como a mão de macaco é ladrão. Como quati, quati mexe qualquer área, (...) roubando a terra do índio, acabando território do índio; mas nós queremos o que sobrou, vai ser para nós. (...) Não pode contratar posseiro para acabar com a mata, nem fazer roça, nem pode entrar trator esteira, nem pode (tirar) madeira."

Na volta, visitamos os marcos e a picada da fazenda SUIÁ-MISSÚ aberta na mata para delimitar o limite da fazenda que cruza ao norte, em sentido leste-oeste, com a BR 158.

- DIA 16

Visitamos a aldeia WE'DE'OMO'RE, fundada pelo pai de Damião a 2 km da sede da fazenda SUIÁ, quando os Xavante aceitaram a proposta de Ariosto da Riva para mudar para perto da sede.

Handwritten mark

Assim como em BO'U, verificamos várias árvores frutíferas plantadas pelos próprios Xavante e que existem até hoje. O administrador da fazenda, Franco De Beni, que até então apenas ouvira falar na existência da aldeia, acompanhou os Xavante para se certificar do local exato da aldeia. WE'DE'OMO'RE está hoje tomada pela vegetação típica do cerrado, em uma área da fazenda não desmatada.

Damião apontou os pés de côco babaçu, pequi e outros tipos de côco etc do tempo em que moravam lá. Contou toda a história da transferência, já relatada no capítulo anterior, enquanto os outros Xavante dirigiram-se para o cemitério de WE'DE'OMO'RE, onde muitos parentes foram enterrados.

Alguns resolveram limpar a área do cemitério, cortando os arbustos excessivos. Por ser uma aldeia mais recente, foi possível encontrar túmulos intactos, onde lembraram de cada pessoa que estava ali enterrada. Damião e Tibúrcio mostraram os túmulos de parentes que morreram em consequência de comida envenenada, comida que foi preparada pelo WARADZU ("branco") e oferecida a eles. Após retornarem de uma caçada em que encontraram com um morador "branco", o sogro de Damião e o primo do sogro dele definharam aos poucos até morrer, vítimas de envenenamento.

Fora isso, muitas pessoas teriam morrido nesse local devido às precárias condições de saúde. O cemitério está dividido em uma parte reservada aos adultos e outra reservada às crianças, sendo bem nítida e visível ainda a separação. Damião e Tibúrcio lembraram que eles sempre retornaram ao cemitério para visitar os parentes mortos, desde 1967.

Repetindo a mesma atitude que teve em todas as

aldeias antigas que visitamos, Damião falou ao administrador da fazenda SUIÁ-MISSÚ para que não permitisse o desmatamento e a destruição do cemitério da aldeia, obtendo a promessa de De Beni que tudo seria feito para que isso não ocorresse.

Terminada a visita à aldeia, um grupo resolveu caminhar e caçar pela mata ainda preservada ao redor de WE'DE'OMO'RE, área de transição entre o cerrado e a mata da Serra do Roncador. Trata-se de um tipo de vegetação mais densa que o cerrado, porém sem o mesmo porte da mata do Roncador.

Para se ter uma idéia da riqueza de caça que ainda se encontra nessa região, apesar de todas as agressões ambientais que vem sofrendo desde a década de 60, em quatro horas de caminhada pudemos ver rastros frescos de anta, veado, porco caititu, tamanduá, cotia, cobra, onça parda etc ... Também ouvimos o piado da perdiz e da jaô; sem contar algumas frutas nativas que encontramos e, principalmente, um tipo de mel muito comum na região, inexistente em Água Branca, que dá dentro do cupim e é muito apreciado pelos Xavante. Paulo apontou alguns tipos de plantas medicinais usadas pelos curadores Xavante. Além disso, alguns retiraram Patí, abundante nessa mata, para confeccionar arcos, flechas e bordunas.

Na viagem que havia sido feita a BO'U, foi possível ver, guiados pelos Xavante, é claro, que enxergam no mato coisas que os olhos de quem vive na cidade jamais veriam, um tamanduá, bandos de emas, gaviões (de quem retiram as penas para importantes enfeites rituais), tucanos, araras, siriemas, curicacas etc ...

A excitação dos Xavante frente aos animais de caça era flagrante, pois são um povo eminentemente caçador, costume esse que não abandonaram até os dias de hoje, preferindo a carne a

PIP

qualquer outro tipo de alimento. Cada viagem feita com eles era vivida como se estivéssemos em pleno acampamento de caça, olhos e ouvidos atentos para aproveitar todas as oportunidades de caça que quase nunca têm em Água Branca. Conhecedores profundos dos hábitos dos animais, possuem variadas técnicas para caçar e sabem "ler" no chão, nas árvores ou na água qualquer sinal que evidencie a presença de um animal. Nos poucos dias que passamos com eles, pudemos ver várias vezes essas habilidades culturais exercitadas.

- DIA 17

Voltamos à região de Serra Nova, indo visitar a aldeia UB'DÔNHO'U, também nas cabeceiras do Xavantinho, só que do lado esquerdo da estrada que vai para Serra Nova. A 2 km apenas do lugar da aldeia, mora um posseiro que diz ter chegado naquele local há 30 anos. Tibúrcio percebeu que o teto da casa dele era todo feito de Patí. Contrariado, falou ao homem que não mais fizesse casas com Patí, porque essa é a madeira que eles usam para fazer arco e flecha, não podendo acabar.

Esse morador disse que desde que está lá - 30 anos, na "fazenda Boa Esperança", os índios sempre vieram visitar UB'DÔNHO'U todos os anos, mesmo antes de irem para a Missão São Marcos, pois UB'DÔNHO'U e BO'U, não muito longe dali, são as primeiras aldeias, as mais antigas, que tinham sido abandonadas na década de 60.

Nesse dia retornamos a BO'U para redefinir alguns limites que haviam sido estabelecidos na primeira viagem.

- DIA 18

Após dias seguidos de viagens longas e cansativas em estradas intransitáveis, passamos a manhã organizando os dados e discutindo com os Xavante um primeiro esboço de definição de limites. Além disso, choveu durante toda a noite e manhã do dia 17, o que dificultava mais ainda a pesquisa de campo. As viagens dos primeiros dias foram feitas sob chuva incessante, mas na última semana o chuva parou e a condição das estradas melhorou um pouco.

Durante a tarde, tentamos visitar a aldeia MONIPÁ, situada na cabeceira do córrego Grotão. Os Xavante calculavam que a aldeia estava a uns 8 km fora da estrada que vai para Serra Nova. Contudo, a estrada vicinal que dava acesso a algum lugar próximo da aldeia estava repleta de atoleiros e uma ponte havia caído. Retornamos sem visitar MONIPÁ. Tibúrcio e Davi foram a pé, no dia seguinte, até lá. Caminharam o dia inteiro, da sede da fazenda até a aldeia, dizendo ter visto rastros de porco caititu, anta e até onça no caminho.

- DIA 19

Decidiu-se na reunião do dia anterior que haveria uma redefinição dos limites na região do rio Xavantinho. Retornamos à estrada que vai para Serra Nova, indo além de BO'U e UB'DÔNHO'U, até chegarmos a um braço do Xavantinho mais ao sul, por eles chamado de WE'DE'NHA'M'RI'PA, que é o nome de um tipo de madeira, de uma árvore grande. Esse braço foi escolhido como um dos limites.

[Handwritten signature]

naturais da área indígena ao sul.

Antes de chegarmos ao WE'DE'NHA'M'RI'PA, passamos por um morro que se destaca na região e que teve importantes funções para os Xavante que moravam naquele lugar. O morro (plotado no mapa anexo) chama-se na língua Xavante E'N'T'E'RODZARO, que quer dizer "morro preto". Nesse lugar, Damião falou:

"(...) Patí é difícil lá na Água Branca. Aqui foi terra sagrada, por isso índio quer voltar, porque tem muitas frutas, tem peixe, tem caça, tem Patí, tem inhame, tem maló, tem madeira."

Do lado esquerdo do morro, muito próximo, existiu a aldeia TSIB'TO'MÔ'TSÉ, que não chegou a ser visitada pela equipe.

O morro situa-se em lugar estratégico. Ao subirmos nele, pudemos constatar que é possível enxergar uma vasta região ao redor, podendo ver o lugar de BO'U, a certa distância, e de TSIB'TO'MÔ'TSÉ. Damião contou que na época da cerimônia de furação de orelhas, o WAIÁ, entre outras festas, as mulheres e crianças subiam no morro e de lá viam os homens pintados preparando-se para as festas. O morro sempre era usado pela comunidade em tempo de rituais ou com a simples finalidade de poder ver mais longe.

Passando pelo braço do Xavantinho chamado WE'DE'NHA'M'RI'PA, já fora do que havia sido decidido como sendo a nova área indígena, visitamos a casa de um posseiro que morava a cerca de 2 km do rio. Damião lembrou também que perto da casa desse posseiro há uma estrada que era utilizada por eles para a corrida de tora de buriti.

Lá encontramos o filho do morador, um rapaz de

18 anos, aproximadamente, que nos contou a história dos "caçadores" de índio, ouvida por ele próprio de um desses "caçadores", e que é de conhecimento notório de todos os moradores da região.

Essa história já foi relatada em capítulos anteriores, tanto a versão do rapaz quanto a versão de Raul, o Xavante que presenciou os fatos. O rapaz afirmou, mais uma vez, como todos os moradores com quem conversamos, saber que naquela região existem muitas aldeias antigas dos Xavante e que ali era terra deles. Falou inclusive da aldeia que existe perto do "Riozinho", fora dos limites definidos, chamada por eles de U'DZU'RĂ'WAWÉ.

- DIA 20

Viajamos para o lado oeste, até à BR 080, pela estrada que liga São Félix do Araguaia a São José do Xingú, a BR 242. Como já havia dito antes, toda a região a oeste da sede da fazenda é constituída por mata, fazendo parte da Serra do Roncador, que é a divisa natural entre as planícies do rio Araguaia e o rio Xingú.

Saindo da sede, percorre-se, no sentido oeste, uma grande área desmatada pela fazenda SUIÁ-MISSÚ, destinada à criação de gado. Nesse local os Xavante trabalharam para Ariosto da Riva ajudando a desmatar a área necessária para a construção de uma outra pista de avião, desta vez em plena mata. Exatamente na cerca que marca a divisa entre a área desmatada (pastagem) e a mata que ainda existe (ponto plotado no mapa anexo), Damião contou:

"(...) aqui estamos no ponto da divisa do pasto. O pessoal, antes, no tempo do Ariosto, trabalharam e fizeram campo de aviação; cavaram, arrancaram para tirar raiz, madeira, derrubaram jatobá ... No tempo do Ariosto,

[Handwritten mark]

foi índio trabalhando aqui, quando fizeram a pista, muito judiado. (...) Foi índio, só grupo de índio, tinha um cozinheiro, empregado do Ariosto. (...) Mandaram aqui um caminhão para trazer aqui para trabalhar, para fazer a pista de avião no centro da mata. Aí trabalharam como escravo, sem pagar nada. Esse foi índio que fez a roça, até encostar na sede."

A BR 242 está em completo estado de abandono, tendo grande parte destruída pela erosão, uma vez que em muitos trechos à beira da estrada não mais existe a mata que impedia os estragos da chuva. Muitos dos pastos estão sendo retomados pela mata, conforme pudemos verificar na visita "in loco".

Visitamos também um dos "retiros" da fazenda SUIÁ, o retiro "Guaraju", que são pontos dentro da fazenda onde alguns "vaqueiros" moram e cuidam do gado, além de existir um mínimo de infra-estrutura (empregados e maquinário) que possibilita a manutenção dos pastos.

Através dessa viagem, foi possível constatar os estragos causados ao meio ambiente pelo desmatamento, o que influenciou decisivamente na definição dos limites pelos Xavante. Havia perplexidade e inconformismo frente àquela realidade de destruição. Eles não cansavam de se espantar com a capacidade do "branco" em não projetar para o futuro as consequências do seu imediatismo.

Apesar das grandes áreas desmatadas ao longo da estrada, ainda havia alguns trechos de mata na beira da BR 242. Os animais da região tentam viver ora na mata ora no descampado, porque precisam atravessar as áreas desmatadas para alcançar outras porções de mata. Assim sendo, é comum encontrar todo tipo de animal atravessando a estrada, graças ao seu estado de abandono, para entrar na mata mais distante, já que a estrada e as suas margens são grandes

21/10

ilhas desmatadas que separam outras ilhas de mata.

Foi possível encontrar, em meio às cenas de erosão e de árvores desfolhadas que "enfeitam" os pastos, emas, gaviões, patos selvagens, tucanos, um tatu, uma jibóia, além dos rastros frescos encontrados pelos Xavante de antas e de um bando de porcos queixada. Esses dados são importantes para mostrar que ainda existe muita caça na região, apesar de estar cada vez mais ilhada em limitadas áreas de mata. É possível continuar existindo caça caso cessem os desmatamentos, o que é a intenção clara dos Xavante, que precisam da mata e de seus rios não poluídos para sobreviver física e culturalmente.

O grande rio que cruza a BR 242 é um afluente do rio Xingú que tem grande parte de seu leito situada dentro da mata. É o rio chamado "Comandante Fontoura", no qual pudemos ver peixes como o tucunaré, cada vez mais raro na região. O rio também já foi agredido pelos desmatamentos em alguns trechos de suas margens, mas continua em grande parte correndo por dentro da mata. Os Xavante chamam o Fontoura de O'TOB'BRA, que quer dizer "água escura". Esse rio e um de seus afluentes foi posteriormente escolhido como um dos limites naturais da área indígena, por ser facilmente identificável e por separar claramente pastos da fazenda de áreas não desmatadas.

Na volta para a sede da fazenda, a cerca de 1 km de onde começava o pasto e a antiga pista de avião feita pelos Xavante (conforme narrado anteriormente), na mata que margeia a estrada encontraram o "cará" nativo, tão apreciado por eles e parte importante da dieta alimentar Xavante, abundante na região de MARÄIWATSÉDE.

ADP

- DIA 21

Enquanto parte da equipe continuou o levantamento fundiário, permanecemos com os Xavante na sede da fazenda organizando dados e colhendo depoimentos, com a finalidade de pesquisar a história da permanência Xavante na região de MARÁIWATSÉDE antes e depois da chegada da sociedade nacional.

Já havíamos percorrido então todas as estradas possíveis nessa região, inclusive o trecho da BR 158 que vem de Barra do Garças até o Posto da Mata, que foi possível ver claramente durante a viagem de vinda, não havendo necessidade de retornar ao local depois.

- DIA 22

A pesquisa de campo propriamente dita já havia terminado. Sendo o último dia de permanência da equipe e dos Xavante na sede da fazenda SUIÁ-MISSÓ, as atividades principais foram a coleta de dados através da história oral Xavante e, finalmente, a realização da reunião final entre os participantes do grupo de trabalho e os Xavante. Na reunião, levando em consideração a visita "in loco" aos pontos principais da área e fazendo uso das imagens de satélite da região, chegou-se à proposta final da ÁREA INDÍGENA MARÁIWATSÉDE, obtendo o acordo unânime de todos os participantes do grupo, após uma discussão sobre as implicações de cada limite escolhido.

Durante o dia, antes da reunião final, alguns Xavante fizeram uma última caminhada no cerrado preservado ainda existente ao redor da sede, onde era a aldeia WE'DE'OMO'RE. Trouxeram



da mata um tipo especial de entrecasca de árvore, com o qual fazem "embira" para amarrar arcos e flechas. Explicaram que essa entrecasca não existe na região de Água Branca e por isso não podiam perder a oportunidade de levá-la para a aldeia.

- DIA 23 E DIA 24

Retorno dos Xavante para a aldeia Água Branca, na Área Indígena Pimentel Barbosa, e da equipe técnica para Brasília.

C. Critérios adotados para a definição dos limites

Na definição prática dos limites da área indígena procuramos aproveitar o máximo de limites naturais existentes, visando inclusive facilitar a defesa do território por parte dos Xavante. Como já foi dito antes, a definição baseou-se em três critérios básicos :

- a ocupação tradicional da terra;
- a área necessária para a sobrevivência física e cultural do grupo;
- a situação ambiental e fundiária atual da área.

A partir desses critérios, e após as visitas de campo, os limites foram escolhidos pelos Xavante, juntamente com o grupo técnico, levando em consideração a realidade de fato da área. Os limites, em sua maioria, são feitos de estradas, cursos d'água, divisor de águas e picadas abertas e demarcadas pela própria fazenda SUIÁ-MISSÚ.

A delimitação da parte de cerrado, contudo, abrangeu pequenas fazendas e posses fora dos limites da fazenda SUIÁ, por constituir a região das aldeias antigas, e da qual cada milímetro deixado de fora foi sentido com grande pesar pelos Xavante. A parte sudeste da fazenda SUIÁ, contígua à parte de cerrado situada fora da fazenda e que foi incluída na área, também é de cerrado, havendo aldeias antigas nessa área.

Os pastos incluídos na área indígena estão em

[Handwritten signature]

sua maior parte degradados, ou seja, a mata da região está retomando o pasto, nascendo onde foi derrubada. A intenção dos Xavante é recuperar a mata, contribuindo para o equilíbrio ecológico da região, já bastante afetado, porém em condições de ser recuperado se cessarem as agressões contra o meio ambiente. Outro fator de preservação ambiental, através da criação da área indígena, é o fato de várias cabeceiras do rio Xavantinho, além de cabeceiras de seus afluentes, estarem situadas dentro da área, preservando o manancial hídrico da região.

Finalmente, o grupo técnico teve que contornar o problema surgido com a recente criação da cidade Alto da Boa Vista, povoado que se formou há cerca de 12 anos, no cruzamento da BR 242 com a estrada que vai para Serra Nova, no limite mais a leste da fazenda SUIÁ. Situada no centro do território Xavante tradicional, Alto da Boa Vista é a cidade mais próxima da área indígena. Na hora de definição dos limites, após reuniões entre os Xavante e o grupo técnico, chegou-se à decisão de recuar os limites da área indígena em relação à cidade o máximo possível. A cidade ficou, então, embora próxima à área dos Xavante, a uma distância razoável de seus limites.

7. SITUAÇÃO ATUAL

A. Relações entre índios e não índios

A questão indígena está indissoluvelmente ligada à questão da terra. O direito à terra é constitucionalmente garantido, na medida em que se reconhece os grupos indígenas como sociedades culturalmente diferenciadas, com padrões próprios de relação com o território.

A reprodução cultural do povo Xavante passa pelo uso coletivo da terra, pela necessidade de caçar, pescar, coletar, plantar. Nada disso é possível sem uma área mínima, ecologicamente preservada, em que haja o espaço suficiente para a reprodução dos animais, plantas, frutos e peixes que compõem não só a dieta alimentar Xavante, mas também a tradição desse povo que se autodenomina AU'WE'UCTABI, ou seja, "povo autêntico", através do uso cultural que fazem dos bens naturais de seu território.

O debate em torno da terra envolve grandes interesses e serão inevitáveis as pressões políticas no caso da Área Indígena MARÄIWATSÉDE. Contudo, a FUNAI deve assumir o seu papel de resguardar o direito indígena independentemente das possíveis pressões que poderão surgir.

A questão política envolvendo a criação da Área Indígena MARÄIWATSÉDE passa por três fatos principais :

- a definição da área engloba um certo número, ainda não sabido, de posseiros e fazendeiros.
- a disponibilidade ou não da AGIP Petroli em colaborar com a devolução da terra indígena.
- finalmente, a criação recente do Município de Alto da Boa Vista, cidade anteriormente vinculada ao grande Município de São Félix do Araguaia, atualmente desmembrado em vários outros. A área indígena deve incidir em parte do Município.

No caso da AGIP se dispor a colaborar na devolução da terra indígena, fica claro que os outros problemas não terão tanto peso, pois a maior parte da área indígena está na fazenda SUIÁ-MISSÓ.

Quanto a isso, podemos adiantar o conteúdo das negociações mantidas entre a Campagna Nord/Sud, através de Mariano Mampieri, que participou do grupo de trabalho como colaborador, e a direção da AGIP Petroli, na Itália, no mês de março de 1992. Em carta enviada à FUNAI no dia 31.03.92 (anexa ao relatório), Mariano relata que a AGIP está disposta a dar garantias e condições para o retorno dos Xavante à área, caso o governo brasileiro declare a área como de ocupação indígena, reconhecendo a inmemorialidade da terra Xavante. Nada impede legal ou administrativamente a FUNAI de encaminhar esse passo importante.

Quanto à efetiva restituição da área, a AGIP ainda não se pronunciou oficialmente, mas já adiantou que o retorno dos Xavante à área, contando com o apoio da própria empresa, será uma

97

situação "de fato" que trará consequências legais importantes, principalmente no caso da empresa procurar garantir os seus direitos legalmente. A posição final da AGIP ainda está por vir, mas uma solução favorável aos Xavante dependerá da posição da FUNAI e do Ministério da Justiça, declarando a área como de ocupação indígena.

B. Ameaças à terra indígena

O futuro e segurança dos Xavante de MARÁIWATSÉDE dependerá da atitude do Governo Federal e do Governo Estadual frente às duas estradas que cortam a área. Qualquer estrada que passe dentro de uma área indígena é uma ameaça constante à integridade do povo que ali habita, pois constitui a principal via de penetração de invasores.

Além da BR 242 e da BR 158, que se cruzam no centro da área, há ainda a BR 080, um dos limites oeste da área e que cruza o rio Xingú. Todas essas estradas ainda não são asfaltadas e é preciso que assim continuem para que a área indígena não seja mais invadida e degradada do que já é. A FUNAI deve tomar as providências necessárias e entrar em contato com os órgãos governamentais responsáveis pela pavimentação das estradas. Se for o caso, acionar o Ministério Público Federal na defesa dos direitos indígenas.

Outra ameaça constante à área indígena diz respeito à preservação do meio ambiente da região, pois não adianta manter a área como "ilha ecológica" em meio a uma devastação total. É o que poderá ocorrer caso o IBAMA e demais órgãos competentes, alertados pela FUNAI, não fiscalizarem adequadamente os desmatamentos

indiscriminados praticados pelos proprietários dos latifúndios limitrofes à área indígena. O meio ambiente é um sistema interligado, não existem unidades autônomas isoladas, por isso é vital o mínimo de equilíbrio ecológico também na região vizinha à área indígena, dentro do que já estabelece a Constituição brasileira quanto à política ambiental.

A utilização de agrotóxicos nos gigantescos pastos vizinhos, assim como o desmatamento inclusive das matas que margeiam os rios, são um permanente risco à sobrevivência dos índios, principalmente, já que esse processo de destruição afeta diretamente as fontes de caça, peixe, frutos, material para a confecção de artefatos etc ...

[Handwritten mark]

8. CONCLUSÃO

Após consulta feita à Procuradoria Geral da República sobre a melhor solução legal e administrativa para o caso da ÁREA INDÍGENA MARÁIWATSÉDE, de 200.000 ha, ficou claro que o mais viável é o encaminhamento administrativo normal pela FUNAI e pelo Ministério da Justiça, ou seja, a declaração de ocupação indígena, mesmo que os Xavante não estejam dentro da área, o que não impede o reconhecimento oficial pelo Governo da imemorialidade da área.

No caso de haver resistência por parte da AGIP e dos outros fazendeiros e posseiros que habitam a área em devolvê-la aos índios, a solução deverá passar pelo ingresso na Justiça, por parte do Ministério Público Federal, de ação visando a nulidade dos títulos de domínio existentes e ação declaratória de posse indígena. Para isso, é necessário o Ministério Público estar em posse do laudo antropológico reconhecido pela FUNAI e do levantamento fundiário apenas iniciado.

Além do mais, conforme foi mencionado anteriormente, a decisão final da AGIP, no sentido de restituição da área, vai depender da declaração de ocupação de área indígena por parte do Ministério da Justiça. A matriz italiana da empresa parece estar disposta a colaborar na promoção do retorno dos Xavante à área, logo que a declaração de ocupação for publicada no Diário Oficial da União.

Portanto, para que o processo administrativo ou judicial seja levado a termo, é necessário completar o quanto antes o levantamento fundiário.

[Handwritten signature]

Tendo em vista o exposto, e dada a indubitável imemorialidade da área indígena, somado a isso o fato de que a área é indispensável para a sobrevivência física e cultural do povo de MARÁIWAISÉDE, somos de parecer que :

- a FUNAI proceda, o mais breve possível, dada a urgência da situação, ao levantamento fundiário, enviando equipe técnica à área, que deverá ser composta por técnicos da FUNAI, do INCRA, representantes do Sindicato de Trabalhadores Rurais de São Félix do Araguaia, da Prelazia e da Campanha Norte-Sul, de modo a garantir a realização efetiva do levantamento.

- a FUNAI ocupe-se ao Ministério da Justiça, para declaração de ocupação indígena, a ÁREA INDÍGENA MARÁIWAISÉDE, assim que for terminado o levantamento fundiário, conforme exige o Decreto nº 231, de 4.01.91, que trata do processo de regularização fundiária das áreas indígenas.

Brasília, 9 de abril de 1992.

Patrícia de Mendonça Rodrigues
PATRÍCIA DE MENDONÇA RODRIGUES
Antropóloga - FUNAI

Coordenadora do Grupo de Trabalho, Portaria 009, de 20.01.92

IARA FERRAZ
Antropóloga - CTI
Participante do Grupo de Trabalho

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Branford, Sue / Gluck, Oriel - 1985
The Last Frontier: Fighting over land in the Amazon, London, Third World Books.

Campagna Nord-Sud: Biosfera, Sopravvivenza dei Popoli, Debito - 1990
Brasile: Responsabilità italiane in Amazzonia, dossier 1
Osservatorio Impatto Ambientale, Roma.

Davis, Shelton - 1978 (trad.)
Vítimas do Milagre - o desenvolvimento e os índios do Brasil, Rio De Janeiro, Zahar Editores.

Jornal de Brasília, 17.8.73.

Jornal da Tarde, 21.7.71.

Lopes da Silva, Aracy - 1986
Nomes e Amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê, São Paulo, FFLCH - USP.

Martins, José de Souza - 1986
Não há terra para plantar neste verão, Petrópolis, Ed. Vozes.

Magbury-Lewis, David - 1984 (trad.)
A Sociedade Xavante, Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora.

O Estado de São Paulo, 25.4.69.

O Globo, 18.8.73.

Realidade, out. 1971.

VF.